



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

BRUNA LEITE BEZERRA

**MARICA MACÊDO: O PROTAGONISMO FEMININO NO MUNICÍPIO DE
AURORA – CE**

CAJAZEIRAS – PB
2019

BRUNA LEITE BEZERRA

**MARICA MACÊDO: O PROTAGONISMO FEMININO NO MUNICÍPIO DE
AURORA – CE**

Monografia apresenta à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Silvana Vieira de Sousa

CAJAZEIRAS – PB
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

B574m Bezerra, Bruna Leite.
Marica Macêdo: o protagonismo feminino no município de Aurora-CE
/ Bruna Leite Bezerra. - Cajazeiras, 2019.
72f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2019.

1. História das mulheres. 2. Marica Macêdo. 3. Aurora-CE - memória.
4. História local. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 929-055.2

BRUNA LEITE BEZERRA

**MARICA MACÊDO: O PROTAGONISMO FEMININO NO MUNICÍPIO DE
AURORA – CE**

Cajazeira, 28 de novembro de 2019

Silvana Vieira de Sousa

Profª Drª Silvana Vieira de Sousa
(Orientadora e presidente da banca)

Francinaldo de Sousa Bandeira

Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira

Maria Lucinete Fortunato

Profª Drª Maria Lucinete Fortunato

.....
Profª. Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino

CAJAZEIRAS – PB

*Aos que por razões que fogem as nossas
explicações não puderam estar presentes
nesse momento da minha vida, vó Maria e
padrinho Tarcísio, meus anjos da guarda.*

AGRADECIMENTOS

Numa longa jornada sempre precisamos de pessoas que nos sejam como abrigo para que possamos suportar as adversidades que venham surgindo. Assim, agradeço aqui aos que me acompanharam durante os cinco anos de graduação, e, sobretudo, aos que estiveram presentes durante esse ano de 2019 durante a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. Desde já me desculpo aos que por falha da minha memória acabe por não citar nomes, saibam que carrego em meu coração gratidão a todos que de uma maneira ou outra foram parte desta caminhada.

Inicialmente, e de maneira clichê, porém imprescindível, eu agradeço a Deus pelo que conquistei até aqui e por todos os obstáculos que precisei enfrentar para que isto se realizasse, pois nos momentos de dificuldades podemos não entender, mas quando chegamos ao final de cada etapa podemos ver o quanto Ele é bondoso e misericordioso. Sem Deus, eu jamais teria encontrado forças para estar aqui.

Agradeço a minha família. A minha mãe Dasdores por ser e ter todo o meu amor, pelos conselhos, puxões de orelha e por seu olhar doce e carinhoso quando eu estava a ponto de desistir. Ao meu pai, o famoso Zeca da Vila, que nunca mediu esforços para que eu pudesse realizar meus sonhos. Aos meus irmãos, Willames, Washington e Wellynson por compreenderem os esforços de nossos pais dedicados a mim e por me apoiarem nessa caminhada. Aos meus sobrinhos que com a doçura de crianças me incentivam, mesmo sem entender, a lutar diariamente, Natalia, Samyra, Matheus e Júnior, tia ama vocês. Tudo o que tenho e sou na vida eu devo a vocês, minha família, e por isso os agradeço não só hoje, mas todos os dias.

Deus coloca as pessoas certas no nosso caminho e é por isso que agradeço a Ele por ter me apresentado vocês, meus colegas de graduação e amigos: Kallyane, Ana Vitória, Sabrina, Fernanda e Valdetário, esses cinco anos foram mais leves graças à companhia de vocês. De modo particular agradeço ao meu parceiro de artigos acadêmicos e que assim como eu tem uma paixão especial pela história do nosso município, obrigada Paulo Sérgio por todo o conhecimento compartilhado. Manoel fostes um importante amigo que fiz nessa caminhada acadêmica, sempre disposto a ajudar, obrigada pelos almoços compartilhados e pelas inúmeras vezes que me cedeu seu quarto, e até a cama quando precisei virar dias na universidade. Kássio, as tuas

palhaçadas foram de suma importância para que eu continuasse firme todas as manhãs na universidade, obrigada por ser luz amigo.

Agradeço ao meu grupinho de amigas, *Deboches*, que mesmo chegando ao final da minha jornada acadêmica foram responsáveis por me manter calma e focada no tão temido TCC – inclusive sei que vocês não suportam mais ouvir essa sigla – Iêda, Thayanne, Eduarda, Cícero obrigada por tudo. Eliany obrigada por todo o carinho e paciência comigo, Jakeline e Geovana, obrigada por deixarem as viagens rumo a Cajazeiras mais leves, torço pelo sucesso de cada uma de vocês. Beatriz e Jackson obrigada por compreenderem minhas faltas e surtos, vocês são muito importantes para mim.

Sinto muita gratidão a todos os meus amigos, contudo dois deles se fizeram de extrema importância nesse longo ano de construção dessa monografia, Ianca que desde os meus cinco anos de idade se faz presente em minha vida, querida amiga agradeço pelas noites ouvindo minhas lamentações assim como pelas noites de festas e diversão. Obrigada por me abrigar em sua casa e por sempre segurar o meu mundo quando eu não sabia para onde correr. Emerson, que mesmo tendo chegado há apenas três anos em minha vida se tornou um amigo querido e importantíssimo, todas as suas palavras e abraços carinhosos foram substanciais nessa caminhada. Agradeço de coração ao dois por existirem e serem meu porto seguro.

A todos os profissionais que me acompanharam e foram mentores ao longo da minha graduação, em especial ao professor Francisco Firmino Sales Neto que me deu as orientações iniciais para esse trabalho, obrigada. Assim como a toda comunidade do Centro de Formação de Professores.

Por último, mas não de maneira menos importante agradeço com toda a minha gratidão a minha orientadora, professora Silvana. Obrigada por todos os ensinamentos e pela paciência dedicada a mim durante a escrita dessa monografia.

Obrigada a todos!

“Muitos são os planos no coração do homem, mas o que prevalece é o propósito do Senhor.”

Provérbios 19.21

RESUMO

A presente monografia “Marica Macêdo: o protagonismo feminino no município de Aurora - CE” discute a história de Maria da Soledade Landim, Marica Macêdo protagonista feminina na cidade interiorana do Ceará, Aurora sob a perspectiva das memórias que sobre ela circula nas obras *A Estirpe de Santa Teresa*, *Império do Bacamarte* e *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense*. Estas atuam como principais formadores das representações aqui construídas sobre Marica Macêdo, em destaque o protagonismo feminino exercido por ela. Trata-se, pois, de um estudo que se situa na escrita da História das Mulheres onde buscamos apresentá-las como sujeitos sociais atuantes, assim tomamos Marica Macêdo como modelo representativo desse “ser mulher” que pretendemos analisar. O espaço temporal em que se encontra a análise aqui proposta compreende os anos de 1908 a 1924, sendo importante mencionar que além de ser anos iniciais do século XX, que surge repleto de novidades como por exemplo a própria História das Mulheres enquanto campo historiográfico, são também anos iniciais do regime república no como forma de governo no Brasil, onde a política coronelística é a principal forma de poder

Palavras-chave: Mulheres; Marica Macêdo; História Local; Aurora - CE; Memória; Poder.

ABSTRACT

The present monograph "Marica Macêdo: the female protagonism in the city of Aurora - CE" discusses the story of Maria da Soledade Landim, Marica Macêdo female protagonist in the inner city of Ceará, Aurora from the perspective of the memories circulating about her in the works *The Strain of Santa Teresa*, *Empire of Bacamarte* and *Marica Macêdo: the brave country girl Auroran*. These act as main trainers of the representations built here about Marica Macêdo, highlighting the female protagonism exercised by her. This is a study that is situated in the writing of the *History of Women* where we seek to present them as acting social subjects, so we take Marica Macêdo as a representative model of this "being a woman" that we intend to analyze. The temporal space in which the analysis proposed here is comprised from 1908 to 1924, and it is important to mention that besides being the early years of the twentieth century, which is full of novelties such as the *History of Women* itself as a historiographic field, they are also early years of the republican regime as a form of government in Brazil, where coronelistic politics is the main form of power

Keywords: Women; Marica Macêdo; Local History; Aurora - CE; Memory; Power.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Imagem de Maria da Soledade Landim (Marica Macêdo)..... 29

Figura 02 – Fotografia de José Antônio de Macêdo (Cazuza ou Cazuzinha do Tipi).
..... 30

Figura 03 – Desenho da propriedade onde Marica Macêdo e sua família residiam no sítio Tipi..... 32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - Marica Macêdo: a representação da mulher na história, na política e no coronelismo	16
1.1 A Nova História e o surgimento de novas possibilidades.....	16
1.1.1 Nova História Cultural.....	18
1.1.2 História das Mulheres: a conquista do ser/fazer história.....	20
1.2 Nova História política e as novas abordagens do termo poder.....	22
1.3 Coronelismo: a política dos sertões em tempos de Marica Macêdo	23
1.3.1 Coronelas: entre o chapéu e a saia Marica Macêdo e Fideralina Augusto. 28	
CAPÍTULO II - Marica Macêdo: de dona do lar a brava sertaneja auroreense	28
2.1 Marica Macêdo: dados biográficos de uma mulher auroreense	29
2.2 Brasil, Ceará, Aurora da virada de século XIX/XX: tempo de coronelismo, tempo de Marica Macêdo.....	36
2.2.1 O Brasil da Primeira República: um país oligárquico.....	37
2.2.2 O Ceará da Oligarquia Accioli.....	38
2.2.2.1 Cariri, sul cearense: terra de bravos coronéis.....	39
2.2.3 A Aurora – CE de 1908: a oligarquia dos Leite Oliveira	41
2.3 A participação de Marica Macêdo no campo político da cidade de Aurora.....	44
CAPÍTULO III - Representações sociais de um sujeito: Marica Macêdo em <i>A Estirpe de Santa Teresa, Império do Bacamarte e Marica Macêdo: a brava sertaneja auroreense</i>	47
3.1 <i>A Estirpe da Santa Teresa</i> : analisando Marica Macêdo através de sua linhagem familiar.....	50

3.1.1	Os Terésios: sementes do núcleo familiar que antecederam Marica Macêdo.....	50
3.1.1.1	Família Macêdo – uma ramificação dos Terésios: tradição e poder no Cariri cearense.....	51
3.1.2	Marica Macêdo: o poder de um sobrenome	53
3.2	<i>Império do Bacamarte</i> : Marica Macêdo guardiã do poder político e luta armada em Aurora-CE.....	54
3.2.1	A “Questão de 8” e a construção de uma coronela: uma representação de poder sobre Marica Macêdo.....	56
3.3	<i>Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense</i> – uma narrativa baseada no sentimento familiar.....	59
3.3.1	Uma análise acerca da obra <i>Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense</i>	60
3.3.2	Marica Macêdo: uma representação carinhosa porque construída em família.....	62
3.4	Marica Macêdo para além do que se vê: o ser mulher, a protagonista feminina aurorense.....	64
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	70
	FONTES	72

INTRODUÇÃO

Esta monografia intitulada “Marica Macêdo: o protagonismo feminino no município de Aurora-CE” tem como objetivo trazer um estudo sobre o protagonismo feminino no município de Aurora – cidade localizada na mesorregião do Cariri, estado do Ceará, sendo Maria da Soledade Landim, conhecida por Marica Macêdo ou denominada carinhosamente pela sua comunidade como Marica do Tipi, a personagem estudada nesse estudo. Traremos aqui discussões em torno dos lugares de memória em que a história de Marica Macêdo se fez e se faz presente.

Esta pesquisa está situada temporalmente entre o fim do século XIX e início do século XX, ou seja, em uma época de transição em todo o território brasileiro que se transformava de um Império para uma República. Assim, para compreender a dinâmica política e social vigente no período em que Marica Macêdo exerceu sua influência neste município (especificamente 1908, ano de sua chegada à Aurora. a 1924, ano de seu falecimento) fez-se necessário a introdução de alguns apontamentos sobre o Brasil, Ceará e Aurora na virada de século, uma época marcada pelo sistema coronelístico e a presença das Oligarquias políticas. Como é por demais sabido, os primeiros 40 anos do Regime Republicano foram marcados pela presença dos coronéis enquanto líderes políticos locais o que acarretou a denominação de República dos Coronéis a essa primeira fase do Regime no país. Logo, Marica Macêdo surgiu neste contexto como uma senhora destemida e que se encaixava nas características de um verdadeiro coronel, contudo não deixando de lado as características que compunham a mulher oitocentista, isto é, apegadas ao lar, aos cuidados com a família, devotas religiosas, o que torna interessante estudá-la, já que vemos várias faces em uma só pessoa, sem que uma anule a outra. Ao longo deste estudo, portanto, buscaremos apresentar e interpretar as representações que se constroem em torno de Marica Macêdo e através dos lugares de produção que a descrevem. Encontramos essas representações nas obras *A Estirpe de Santa Teresa*, *Império do Bacamarte* e *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense* que funcionaram como principais fontes para a escrita desse trabalho.

A partir de Marica Macêdo e sua representatividade no município de Aurora me propus a realizar um estudo em que pudesse dialogar diretamente com as pesquisas do campo da História das Mulheres onde as estudamos enquanto sujeitos políticos. Portanto, além de apresentar a célebre figura de Marica Macêdo, o propósito aqui é

também contribuir para o debate sobre a História das Mulheres que vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões historiográficas. Não se trata, portanto, apenas de falar de Marica Macêdo, de contar sua história, mas sim das representações que a elegem como a brava sertaneja aurorense, a matriarca do Cariri, dentre outras alcunhas que lhes são referenciadas e que mostram a representatividade pública do seu ser mulher. Dessa maneira, esta pesquisa torna-se relevante por contribuir ao mesmo tempo para a apresentação não só de Marica Macêdo, mas também da história do município de Aurora, isto é, é fator enriquecedor para a bibliografia local, assim como já exposto é também um estudo fomentador para discussões dentro da História das Mulheres.

Para que esta pesquisa pudesse acontecer foi necessária uma análise documental e revisão bibliográfica que se fez por intermédio da apreciação de reportagens encontradas nos blogs locais e na consulta de obras encontradas na biblioteca municipal e de autoria de escritores aurorenses. A partir deste levantamento de dados sobre Maria Macêdo, se objetivou, por intermédio da interpretação das narrativas encontradas compreender os sentimentos, comportamentos, ações, entre outros aspectos referentes à personagem que se esboçaram em cada lugar social e representação encontrados em cada obra.

Para a análise aqui proposta é necessário que levantemos uma problemática que guiará nosso diálogo com as fontes utilizadas: seria Marica Macêdo uma coronela, uma mulher de política ou apenas uma mãe caridosa em meio a uma cultura de tratos costumeiramente violentos, autoritários e arrogantes? Esta e outras questões, que se esboçaram ao longo da pesquisa, só se tornaram passíveis de discussão em virtude do conteúdo encontrado nas fontes em conversa com as teorias aqui explanadas.

O referencial teórico que embasou esse trabalho parte inicialmente da linha de pesquisa pautada na Nova História Cultural, tendo como subitens a Nova História Política e a História das Mulheres, onde autores como RÉMOND (2003), BARROS (2008-2011), BURKE (2005), PERROT (1988), CLEMENTE (2011) foram essenciais para a discussão proposta. Outros conceitos foram debatidos ao longo deste estudo, como representação de CHARTIER (1990), lugar social de CERTEAU (2008), coronelismo a partir das perspectivas de FORTUNATO (2008), LEAL (2011), QUEIROZ (1997) e MACÊDO (1998). Todas estas discussões teóricas serão encontradas no primeiro capítulo que trata justamente acerca das novas possibilidades e métodos que se sucederam na História e na sua feitura historiográfica a partir do século XX com a emergência da Escola do Annales. Intitulado *Marica Macêdo: a*

representação da mulher na história, na política e no coronelismo este capítulo buscou cruzar as concepções dos autores citados com a questão principal deste trabalho, ou seja, com a representatividade feminina que se tornou objeto de pesquisa a partir da renovação vinda com a virada de século.

Após este capítulo teórico partiremos para o segundo capítulo que foi nomeado como *Marica Macêdo: de dona do lar a brava sertaneja aurorense*, este ponto será dividido em dois momentos, primeiro apresentaremos nossa personagem em seu íntimo, no lar, como a mãe caridosa, faremos, portanto um levantamento biográfico sobre a vida de Marica Macêdo; em seguida conforme visto no título mostraremos como Marica Macêdo se tornou a “brava sertaneja aurorense”, isto é, as ações que a inseriram na vida política do município de Aurora. Entretanto, se faz necessário, entre estes recortes, apresentar o contexto político e social em que estava inserido não só o município aurorense, mas, também o Brasil, o Ceará, a região do Cariri, para que possamos compreender além da conjectura política do período as relações de poder engendradas pelo sistema coronelístico.

No terceiro e último capítulo haverá um diálogo maior com as fontes através da análise dos livros “A Estirpe de Santa Teresa” (MACÊDO, 1976), “Império do Bacamarte” (MACÊDO, 1998) e “Maria Macêdo: a brava sertaneja aurorense” (MACÊDO, 1998) buscaremos interpretar e construir as imagens, citadas inicialmente, que compõem Marica Macêdo como protagonista feminina. Portanto, nesse capítulo será analisada sua atuação a partir das três narrativas encontradas nas obras supraditas: narrativa baseada na linhagem e no legado familiar; narrativa baseada no poder e luta armada; e narrativa carinhosa baseada no sentimento familiar.

Destarte, é importante mencionar que o fazer historiográfico parte do princípio de neutralidade, contudo esta não é uma tarefa fácil de ser cumprida pelo historiador já que o lugar, as vivências, até mesmo a áurea a partir de onde se escreve são influenciadoras da história ali traçada. É inevitável ao tratarmos acerca de personagens históricos, sobretudo quando estes são tão próximos de nós, não nos apegarmos ao mesmo. Assim sendo, inicio este trabalho me desculpando caso no seu decorrer perceba-se o pecado do apego a um lado da história, a uma tese, a personagem.

CAPÍTULO I

MARICA MACÊDO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA, NA POLÍTICA E NO CORONELISMO

Esta monografia traduz-se em um estudo cujo objetivo é apresentar e discutir as representações sociais e políticas engendradas na sociedade aurorense em tempos de coronelismo, tendo como personagem principal a coronela Maria da Soledade Landim – Marica Macêdo. Para compreensão destas representações torna-se necessário que inicialmente problematizemos alguns conceitos como: *História Cultural, História Política, poder e coronelismo*. Assim, buscaremos neste primeiro capítulo discutir estes termos e suas importâncias teórico/metodológicas para o entendimento expressado nesse trabalho, que é também um capítulo da escrita da História das Mulheres o qual nos propomos fazer a partir da mulher aurorense Marica Macêdo.

Portanto, para isto é importante que façamos inicialmente uma discussão acerca das novas possibilidades e métodos que se sucederam na História e na sua feitura historiográfica a partir do século XX com a emergência da Escola do Annales enquanto modelo de análise, já que a partir desta ruptura na escrita histórica o historiador pôde se voltar para pesquisas até então encaradas como “marginais”. Como exemplo destas novas possibilidades, trazemos esta pesquisa a partir da figura de Marica Macêdo, onde desenvolveremos uma análise sobre o gênero feminino, a História das Mulheres e conseqüentemente do silenciamento que permeou por tanto tempo e dificultou esta história. Faremos, em vista disso, uma análise acerca da inserção destes sujeitos nos espaços de poder, sobretudo na política, campo o qual Marica Macêdo atuou e se destacou entre 1908 até o ano de sua morte 1924.

1.1 A Nova História e o surgimento de novas possibilidades

É sabido que a escrita da história desde a sua gênese – perpassando por Herótodo, em sua fase pré-científica, pelo Positivismo, Materialismo Histórico até chegar a Escola dos Annales – vem se reformulando e se adaptando de acordo com as mudanças sociais. Para cada época houve uma corrente historiográfica que esteve em evidência e que respondia aos respectivos anseios, isto é, simultaneamente as mudanças

sociais e culturais outras maneiras de fazer/escrever história vinham sendo engendradas de acordo com a sociedade que se transformava. Sobre estas rupturas na historiografia Rémond (2003, p.13-14) cita que “Esses avanços se operam muitas vezes em detrimento de outro ramo, como se todo avanço devesse ser pago com algum abandono, duradouro ou passageiro, e o espírito só pudesse progredir rejeitando a herança da geração anterior.” Desse modo, seguindo o ritmo da metamorfose tecnológica/cultural que comanda a sociedade e sua evolução temporal após a falência da história factual, extremamente política e econômica, que já não estava dando conta dos novos questionamentos que surgiam junto ao século XX (que emergia permeado de aspectos culturais e humanitários), manifesta-se dentro da Escola dos Annales a História Cultural. Novos tempos pediam, portanto, novas formas de análise e escrita da história. Compreende-se, portanto, que os aspectos culturais só puderam se sobressair e ocupar espaço na escrita histórica após a omissão do positivismo, das perspectivas políticas da história.

É dentro desta nova perspectiva histórica, e com o auxílio de novos movimentos que eclodem junto ao novo século e a nova ordem mundial que se estabelecia – feminismo, discussões de gênero, etc. – que vemos surgir dentro da História Cultural outro ramo que trata de modo mais específico acerca de uma parcela dos marginalizados a História das Mulheres que traz à tona a inserção dos sujeitos femininos não só como objetos de estudo, mas, como também escritoras da sua própria história. Estudos como o desta monografia até o século XX, assim como a incontável pluralidade de temáticas e objetos da inovadora História Cultural, eram quase que inexistentes e os poucos que circulavam na sociedade vinham carregados de estereótipos masculinos o que ofuscava a verdadeira história acerca das mulheres.

Como sabemos até este momento dessa virada cultural na escrita da história o conhecimento histórico era fabricado de acordo com as relações de poder, estava inserido no âmbito das grandes narrativas, ou seja, era montado pelas elites de acordo com a sua visão autocentrada que enaltecia a sua própria atuação. Isto está bem explícito quando tratamos da História Política que de acordo com Clemente (2011) “Corrente historiográfica que estava intimamente ligada às visualizações de poder no Estado, a historiografia política começou por uma análise das pessoas importantes e de grande poder na sociedade.” (p.46) Ainda de acordo com Clemente (2011) que cita um dos pioneiros da Escola dos Annales, Marc Bloch (2001) a inovação vinda com os

Annales é justamente contra esta maneira de se fazer/escrever história citada anteriormente, isto é, estava na desvinculação dos estudos da história das grandes narrativas, dos grandes feitos, dos grandes homens, agora a atenção estava voltada para a vida cotidiana de todos os sujeitos sociais.

Ainda sobre esta nova perspectiva histórica nos diz Burke (2008) que através da História Cultural há a “descoberta do povo” o que desencadeia na construção da “História dos Esquecidos”, dos sujeitos considerados marginais. É válido ressaltar, portanto, o conceito empregado por Burke para caracterizar a Escola dos Annales e todas as mudanças decorrentes dela, o autor nomeia este momento como a “Revolução francesa da historiografia”.¹ Dessa maneira, através desta “Revolução francesa da historiografia” é que a História das Mulheres, a história de Marica Macêdo, passa a ser alvo de debates e ganha páginas na história humana.

1.1.1 Nova História Cultural

Contudo, mesmo diante tantas inovações e novas oportunidades a história não estagnaria neste momento, ainda passaria por mais uma transformação, não tão revolucionária como a que acabamos de discutir, mas que seria o clímax para a sua conjuntura atual: denominou-se esta nova ruptura de Nova História Cultural. Esta recente corrente historiográfica manifestou-se no final da década de 1970 atingindo seu ápice em 1980, e de acordo com Burke (2008) torna-se inovante pelo fato de trazer consigo duas especificidades ao campo da escrita histórica: “as representações e as práticas”.

Através das práticas a história passou a ver como objeto de estudo até as práticas mais cotidianas, detalhes como vestuário ou alimentação por mais simples que o são tornaram-se solos férteis para pesquisas acadêmicas. Desse momento em diante o homem comum e a cultura popular tornam-se o principal objeto de estudo para os historiadores. Tal como observa Barros

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou

¹BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)** São Paulo

hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros. (p. 46-47, 2011)

Desse modo, a partir desta ruptura historiográfica qualquer detalhe do homem e suas ações tornam-se aporte teórico para discussão dentro da Nova História Cultural.

No tocante as representações, a história se permitiu imaginar, ou seja, passou a atribuir significado ao real através do imaginário. Logo, “O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações” (BURKE, p.10, 2008) sendo estes signos variáveis de uma cultura para outra, e repousados sobre o poder do imaginário, acabam criando diferentes análises sobre um mesmo acontecimento possibilitando inúmeros estudos sobre o mesmo tema. As representações, desse modo, são significados históricos atribuídos às práticas dos sujeitos. Sobre o campo das representações Barros elucida ainda que “[...] as representações podem incluir os modos de pensar e de sentir, inclusive coletivos [...]” (p. 51, 2011), ou seja, a partir das representações os historiadores podem através das sensações obtidas compreenderem não só os sujeitos individualmente como também toda a comunidade a que pertencem. Assim, podem construir por meio das representações individuais toda a história de uma sociedade.

O presente trabalho além de analisar o papel exercido por Marica Macêdo na política do município de Aurora, também parte de uma curiosidade pessoal acerca da cidade de Aurora e sua relação com a família de Marica, logo através deste conceito de representação dado por Barros percebemos que, serão através das representações sobre Marica enquanto sujeito social que alcançaremos a coletividade aurorense, e vice-versa, já que o coletivo também possibilita entender o individual. Resumindo acerca da influência das práticas e representações, citamos Barros (2011, p. 8)

As noções complementares de “práticas” e “representações” têm sido bastante úteis aos historiadores culturais, particularmente porque, através delas, podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura, como também os processos que envolvem a produção e a difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e, por fim, as normas a que se conformam as sociedades através da consolidação de seus costumes.

Sustentado no exposto, deve-se ter notado que as práticas e representações são aspectos complementares dentro dos estudos da Nova história Cultural, onde as práticas

geram representações e vice versa, sendo, ambas, o resultado de motivações e necessidades sociais (BARROS, 2011).

Situamos o nosso objeto de estudo entre práticas e representações quando entendemos que Marica Macêdo, sua vida, seu seio familiar e suas ações são práticas que interpeladas a luz da Nova História Cultural tornam-se ricos objetos de análise e componentes importantes para a compreensão da história de Aurora – CE. Do mesmo modo que as representações sociais construídas acerca de suas práticas dizem não apenas acerca da personagem, mas, também sobre o seu habitat, sobre o município aurorense, sobre o estado do Ceará e inclusive sobre o Brasil e sua conjectura naquela época.

É válido ressaltar que a partir desta inovação da Nova História Cultural, desta análise das práticas cotidianas e suas representações, a História das Mulheres ganha ainda mais credibilidade para ser analisada e escrita já que agora o cotidiano também é fonte histórica, o ambiente privado também passa a ser analisado. Assim, entender o dia-a-dia de Marica Macêdo é de extrema importância para a construção deste estudo e para mais uma representação social de sua imagem a qual nos propomos a escrever.

1.1.2 História das Mulheres: a conquista do ser/fazer história

É por demais sabido que durante um longo período de tempo as mulheres estiveram submissas aos homens o que refletia em uma clara distinção entre seus papéis na sociedade. Segundo Perrot (1988), e reforçando a discrepância no que concerne aos papéis sociais de cada sexo, esta exclusão da mulher das páginas da história é consequência de outra exclusão “[...] a das mulheres em relação à vida e ao espaço público [...]” (p.186). Consideradas dispensáveis da cena pública e mantidas como coadjuvantes na vida dos homens às mulheres não poderiam, portanto, estar nas páginas da história, logo foram duplamente silenciadas e permaneceram abafadas por um longo espaço de tempo. Até finais do século XIX não eram consideradas cidadãs políticas, por mais ricas e instruídas que fossem ainda estavam limitadas a esfera privada, estavam abaixo dos homens – pais, irmãos, maridos. Eram em sua maioria, tementes aos homens que as cercavam e deviam sempre respeitar e acatar as ordens dos que tinham poder sobre elas.

Logo, podemos considerar a inserção da mulher aos locais públicos, o direito à fala, como uma peculiaridade inovadora do final do século XIX e início do século XX, e três aspectos foram substanciais para que isto ocorresse: os fatores científicos que estavam ligados à decadência dos velhos paradigmas explicativos e a “renovação dos contatos disciplinares” – aqui cabe lembramos a discussão inicial acerca das rupturas historiográficas e a influência dos avanços tecnológicos; os fatores sociológicos, por efeito da “feminização da universidade e dos professores” – mulheres passaram a ocupar cargos dentro do ambiente educacional, saindo à cena pública através da educação – que possibilitou o aparecimento de novas indagações, novos questionamentos, o que resultou no desenvolvimento de pesquisas sobre as mulheres, constituindo-se, portanto, um novo campo de ideias; e os fatores políticos que se refletem através das conquistas feministas de Maio de 1968 e do Movimento Feminista – tendo como exemplo a conquista do direito feminino ao voto. (PERROT, 2005)

Na cidade de Aurora, localizada no Cariri região sul do estado do Ceará, vemos esta inserção da mulher à cena pública através de Maria da Soledade Landim, que popularmente e de maneira carinhosa era chamada de Marica, a Marica do Tipi, a “mãe dos Macêdo”. A mesma ousou se meter entre os “cabras-macho” do sertão e tomar lugar no âmbito mais cobiçado por qualquer um que viveu aquela época, a política, particularmente no campo coronelístico, a prática política dos sertões nordestinos. Campo extremamente masculinizado, a política não só representava riqueza, mas também força, era a perfeita tradução de poder para quem sabia utilizá-la.

Tarefa bastante difícil, a inserção das mulheres neste campo enfrentava a dicotomia do público/privado relacionada aos homens e mulheres. O espaço privado estava ligado à figura feminina e era considerado inválido para a história, não havia espaço para as mulheres fora do lar. Logo, diante isto, surgem alguns questionamentos: como explicar esta ausência das mulheres do espaço público? Por que estiveram alheias a política? Por que eram restritas das atividades econômicas? Destarte, a partir da análise da personagem aurorense, Marica Macêdo, buscamos neste estudo responder a estas questões, criar teorias que nos esclareçam tamanho silenciamento acerca das mulheres.

“As mulheres e a política: é ainda um vasto campo de reflexão para nossos esforços conjuntos.” (PERROT, p. 173, 1988). Seguindo o pensamento da citada autora, chegamos à conclusão que estas duas áreas são, assim, grandes fomentadoras de debates e que merecem nossa atenção. Marica se torna no município de Aurora a personificação

de ambas já que é a mulher que ousa se engajar na política, e por consequência disto torna-se merecedora de nossos esforços para analisar e narrar a sua história dando destaque a sua condição de mulher na política.

1.2 Nova História política e as novas abordagens do termo poder

Simultaneamente as transformações referentes às teorias e métodos usados na construção do conhecimento histórico e juntamente as mudanças sociais/culturais/tecnológicas no decorrer do século XX citadas no tópico anterior, houve a renovação da História Política. Afirmamos esta ideia de transformação conjunta a partir de Lima (2012) “A renovação da História Política, ao longo do século XX, acompanhou movimentações e evoluções da própria sociedade, seja no sentido de movimentos sociais, quanto de alteração de paradigmas historiográficos.” (p.07).

Portanto, do mesmo modo que a escrita historiográfica está permeada de rupturas, a categoria de análise denominada de História Política também passou por uma série de reformulações no início do século passado “Vista como parcial e incapaz de atingir as camadas mais profundas da sociedade e do processo histórico, a História Política passou a ser desacreditada, cedendo seu espaço e antiga glória, às novas abordagens defendidas pela Escola dos Annales” (LIMA, 2012, p.06). Assim, a principal crítica à história vinda com a Escola dos Annales repousou sobre o ramo da História Política e sua ótica unilateral que supervalorizava as elites, os grandes nomes. “Havia chegado a hora de passar da história dos tronos e das dominações para a dos povos e da sociedade”.² Isto é, as massas populares agora eram vistas como objetos e fontes assim como os mais abastados. Inserem-se aqui, portanto, novas assimilações em relação ao ser humano e suas ações, o *homem*³ enquanto sujeito e autor da sua história tenta compreender a si mesmo e sobre a sociedade em que está incluído.

Logo, ao tratarmos de política é errôneo não levarmos em conta as variações acerca do conceito de poder. Esta nova concepção de poder emergente no século XX, tão variada e que comporta diferentes formas de expressão, é que tornou possível a renovação da História e conseqüentemente da política. A partir deste momento finalmente o caráter totalizante tão buscado pela Escola dos Annales para a história

² RÉMOND, René. Uma História Presente. In: RÉMOND, René (org) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro : Ed. FGV, 2003, p. 18

³ Ler-se *homem* no sentido de ser humano, sem determinismo biológico.

passa a fazer parte desta. Desencadeia-se daqui em diante, de acordo com Lima (2012, p.06), “a reparação aos esquecidos da história tradicional.”

Como citado acima, juntamente ao deslocamento da História Política o conceito de poder conheceu novas abordagens e se fez mais flexível diante as análises históricas. O conceito de poder, a partir daí passa a englobar variadas instâncias, desde o poder institucional, partidário político, ao poder pessoal, dentro do seio familiar. (BARROS, 2008)

Desse modo, as reformulações acerca do conceito de poder e das práticas da História Política tornam-se substanciais para a escrita da História das Mulheres e para a visibilidade deste sujeito, já que por intermédio da análise dos poderes cotidianos o espaço privado passa também a ser palco para os fatos históricos. Então, as relações que se sucedem neste espaço, sendo em sua maioria atuadas por mulheres, tornam-se dignas de serem teorizadas, refutadas, dissertadas. Por isto, torna-se válido que antes de analisarmos a atuação política pública de Maria da Soledade Landim percorramos sua vida privada, sua atuação como mãe, esposa, dona de casa. Desse modo fazendo um estudo do micro poder para a sua totalidade máxima que se traduz no campo político público. Daí surge o título dado ao próximo capítulo *Marica Macêdo: de dona do lar a brava sertaneja aurorense* onde faremos este percurso acerca da vida da personagem perpassando por todos os seus lugares de atuação até sua morte.

1.3 Coronelismo: a política dos sertões em tempos de Marica Macêdo.

Segundo Leal (2012) o coronelismo pode ser compreendido como uma relação correlata entre as três esferas de poder – municipal, estadual e federal – desse modo o coronelismo é entendido por este autor como uma rede de relações que passa dos níveis mais baixos (que seria o coronel e sua massa eleitoral) até o mais alto representado pela figura do presidente da república. Entretanto é importante lembrar que “A posição de quem ocupa o “poder local” deve estar sempre ligada a quem “domina” nas outras duas esferas.” (Fortunato, 2008, p.29) Ou seja, mesmo que sendo autônomo em suas decisões o coronelismo estar submetido às demais instâncias do poder.

De acordo com Carone (1978 apud Fortunato, 2008) a autonomia do coronel se exerce somente no âmbito municipal. O coronel firmar-se como: “entidade jurídica autônoma, pois é ele quem estabelece leis, nomina delegados, juízes, etc.” neste caso

verifica-se, portanto, que no tocante as decisões locais há total negligência do Estado ou poder federal, o que confere a alcunha de “dono do poder local” aos coronéis. Isto se justifica devido a grande massa eleitoral movimentada a partir do coronel para as demais esferas do poder. Os diversos favores concedidos pelos coronéis e subsidiados pelas demais autoridades tornam-se benefícios para todos, haja vista que no período eleitoral estes favores são cobrados através do denominado voto de cabresto. Logo, os coronéis são responsáveis por manobram os moradores de suas terras a fim de angariar votos para as facções a quais estão coligados. Havendo interferência do Estado ou poder Federal na política local traria prejuízo para os próprios que perderiam o apoio dos coronéis e de seus discípulos.

Outro fator merecedor de destaque é a condição financeira a qual o coronel está submetido. Queiroz (1997) afirma a importância da propriedade fundiária como uma das características do coronelismo, logo os coronéis eram em suma grandes latifundiários que sendo donos de largas extensões de terras tinham, também, muitos dependentes de seus favores que como citado acima eram usados como ferramenta para alcançar apoio político. Assim, o poder econômico juntamente as alianças empreendidas com as bases governamentais davam aos coronéis liberdade para fazerem o que bem entendessem em suas regiões.

Segundo Macêdo (1990, p. 15) “No território pátrio, o fenômeno do coronelismo esboçou-se na Colônia, tornou-se realidade no Império e consolidou-se após o advento da República.”. O advento da República apesar de emergir como o novo, o agente modernizador, neste aspecto não trouxe muita diferença, principalmente para os sertões, haja vista que as oligarquias locais continuaram a governar através das mesmas práticas, possibilitando, assim, aos coronéis que se mantivessem no mesmo patamar que já figuravam desde o período imperial. Sendo a República denominada por Joaryvar Macêdo (1990, p. 18-19) como “[...] República dos Coronéis, teve no coronelismo uma das suas marcas principais. Mais acentuado no Nordeste, o fenômeno generalizou-se por todo o País, do Amazonas ao Rio Grande do Sul”. Resultado do federalismo brasileiro durante a Primeira República, o coronelismo tornou-se uma espécie de poder privado dentro da máquina pública levando em consideração os arranjos e negócios que o movimentava enquanto sistema político.

No estado do Ceará o apogeu do coronelismo deu-se no decorrer da era Acciolina (oligarquias do ramo familiar de sobrenome Aciole) foi marcada por alianças

entre o governo e os coronéis, estes por sua vez procuraram nunca perder sua autonomia no poder local. Em virtude disto, iniciou-se a prática do clientelismo político. A busca pelo apoio do governo e o mando das localidades pelas oligarquias gerou inúmeros conflitos e enfrentamentos familiares, revoltas entre bandos armados marcaram este território, como nos diz o supracitado autor:

Foram, sem dúvida, as primeiras décadas do século atual, no Cariri, caracterizadamente, época de poderio e dominação absoluta. Historicamente, terra de famosos caudilhos, o vale viu, então, ainda mais exaltado o espírito político. Paixões políticas as mais violentas, vindas do passado, fundamentadas em mesquinhas e reprováveis ambições pessoais atingiram o clímax. (MACÊDO, 1990, p. 45).

O poder dos coronéis caririenses pode ser considerado como dos mais fortes do estado do Ceará, já que devido à distância da capital, o banditismo e compadrio eram exercidos à vontade. Os coronéis impunham suas regras como leis em suas terras. De acordo com Fortunato (2008) baseada no discurso de Pang, “[...] à medida que se verifica a ausência da autoridade formal do Estado, o coronelismo representava, simultaneamente, a antítese e o complemento desta autoridade.” (p. 36)

Região conhecida por sua resistência desde a época colonial às ordens do legislativo, o Cariri cearense ficou conhecido em todo país como esconderijo de bandidos, de bandos de cangaceiros. Detentores de um poder pomposo os coronéis desta região eram responsáveis por acobertar estes bandos de cangaceiros que lhes serviam de exército quando ocorria algum desafeto. “Por conta, igualmente, da complacente política governamental, os domínios do coronel, absolutamente intocáveis, onde ele ditava as próprias leis, transformaram-se em abrigo seguro de cangaceiros” (MACÊDO, 1990, p.18). Conta-se que em suas passagens por Aurora o mais famoso cangaceiro, Virgulino Ferreira, junto ao seu bando ficava escondido das autoridades nas terras de Marica Macêdo e mesmo após sua morte o cangaceiro continuou a se abrigar naquela região contraindo amizade com toda a família Macêdo. Uma troca de proteção que como podemos perceber nas palavras já proferidas era atividade comum ente cangaceiros e coronéis no sertão nordestino.

O fenômeno das oligarquias durante a primeira República estava presente em todo o país, sendo de caráter mais expressivo nas cidades interioranas, onde as leis eram feitas pelos chefes destas facções. Assim, na pequena cidade do sul-caririense, Aurora, o cenário político não ocorreu de modo diferente. Sob a tutela de Marica, os Cândido

Ribeiro e os Macêdo tomaram as rédeas da pequena cidade. “Dona Maria da Soledade Landim, vulgo Marica Macêdo ou Marica do Tipi, de Aurora, foi mentora da facção ali dominante e dominadora, no seu tempo, uma autêntica mandona sertaneja.” (MACÊDO, 1990, p. 47-48).

1.3.1 Coronelas: entre o chapéu e a saia Marica Macêdo e Fideralina Augusto

Por mais raro que seja é possível encontrarmos algumas figuras femininas que em determinados sociedades assumiram o papel de “coronelas”. É de se considerar a presença feminina uma participação insólita ao cenário coronelístico e em virtude disto faz-se necessário que analisemos a atuação política de Marica Macêdo, que como uma figura popular na sociedade aurorense tornou-se uma conhecida coronela no Ceará e torna, dessa maneira, possível a compreensão acerca desta presença caracterizada como incomum ao campo coronelístico. “Figuras femininas, também de uma ou outra forma, salientaram-se no contexto do coronelismo sul-cearense [...]”. Logo, podemos citar algumas mulheres que adentraram este campo e exerceram influência política e econômica em suas cidades: Bárbara de Alencar no Crato – ainda na época do Império – Fideralina de Lima Augusto em Lavras da Mangabeira, Dona Generosa Amélia em Santana do Cariri. Junto a estas outras personagens Marica foi proclamada como uma das matriarcas do Cariri, que estavam divididas entre a delicadeza feminina e a lida com o bacamarte⁴.

Marica Macêdo ganha o epíteto de “coronela” por ser a responsável por resolver os problemas de sua região, sendo também a chefe do banditismo na localidade de seu domínio, o distrito de Tipi. Com bastante influência e poder de interferência em relação à justiça social, Marica ganhou o respeito de todos os munícipes de Aurora durante sua época. Sempre esteve rodeada de bandoleiros prontos a seguirem suas ordens quando preciso, seja para matar ou salvar.

Figura dotada de simpatia, segundo a tradição oral, Marica encaixou-se perfeitamente no papel de coronel, com conversas bonitas aos ouvidos do espectador, conseguia convencer a todos com seus ideais. Primeiramente no sítio Tipi e posteriormente em todo o município de Aurora Marica Macêdo sempre era procurada

⁴ Antiga arma de fogo de cano largo bastante usada pelos coronéis.

pelos cidadãos quando precisavam de um conselho, de um auxílio em algum assunto, daí esta representação de conversas bonitas, pois procurava sempre dar soluções aos que lhe buscavam. Podemos então constatar que, é através desta face carismática de sua matriarca que a Oligarquia Macêdo é formada e fixada no município de Aurora – CE. Contudo, é necessário ressaltar que é através de um sistema de favores gerados pela gratidão contraída pelos que Marica Macêdo ajudara que a mandatária conseguiu manter-se no poder e enraizar sua prole como sinônimo de Aurora. Tornando-se até engraçado como a cidade é conhecida fora de seus limites, não por Aurora, mas, como Macedolândia, a Terra dos Macêdo, e outros nomes que a remetem diretamente a esta família.

Este trabalho pretende, portanto, abordar nos próximos capítulos o exercício do poder feminino em territórios tidos como masculino, tendo como foco a política, sobretudo a política desenvolvida no sul cearense através da figura de Maria da Soledade Landim. No entanto, torna-se válido lembrar que não nos deteremos a analisar somente esta atuação pública da personagem citada, mas, também, sua vida privada, o seio familiar que diz muito sobre a sua personalidade e no que se tornou para a cidade de Aurora fazendo desse modo um estudo acerca da História da Mulher e sua importância para a compreensão da história do interior do nordeste e do Ceará em particular.

CAPÍTULO II

MARICA MACÊDO: DE DONA DO LAR A BRAVA SERTANEJA AURORENSE

No capítulo anterior buscamos fazer uma breve discussão sobre as inovações do fazer histórico a partir do século XX e das novas possibilidades, temáticas e abordagens que surgem com o novo século e possibilitam pesquisas como esta que se direciona no estudo da política como um campo onde se desenvolvem disputas de poder. Assim, após conceituarmos *História Política, poder e coronelismo*, se torna oportuno apresentarmos agora o nosso objeto motivador para a realização deste estudo. Estas problematizações realizadas no capítulo anterior se fizeram necessárias tendo em vista que a nossa personagem só se insere enquanto objeto de análise histórica a partir da confluência destes fatores aí categorizados.

Seguindo o título dado ao capítulo, buscaremos aqui apresentar fatores que elencam Marica Macêdo como uma personagem que rompe a esfera do lar inserindo seu nome na História Política aurorense. Partiremos, pois de uma apresentação de aspectos de sua vida como uma típica dona do lar e passando por outros momentos de sua história que deixou raízes na mentalidade dos aurorenses tornando-a uma espécie de mito político desta cidade, sendo referenciada como “a brava sertaneja aurorense”.

Inicialmente faremos um levantamento de *Dados biográficos de uma mulher Aurorense* onde primeiro apresentaremos Marica Macêdo em seu íntimo, seus laços familiares, sua vida com o lar e o cuidado com a família, construiremos, portanto, uma biografia acerca desta personagem. Em seguida para compreendermos toda a política daquela época e o contexto em que Aurora estava inserida, é necessário que avaliemos primeiro o âmbito nacional seguido do estadual para por fim nos dedicarmos ao municipal, faremos, portanto um recorte temporal do *Brasil, Ceará, Aurora da virada de século XIX-XX*. Feita esta análise partiremos então para uma abordagem sobre o contexto em que se inseriu *A participação no campo político aurorense de Marica Macêdo*, elencando quais ações fundamentaram as imagens e representações que a constroem como coronela e que ainda hoje rondam a memória coletiva e histórica da região.

2.1 Marica Macêdo: dados biográficos de uma mulher aurorense

Maria da Soledade Landim (figura 01), nome de batismo de Marica, nascida em 1865 é natural do sítio Gameleira no município de Missão velha – CE, filha de Joaquina de Sales Landim, conhecida por Quininha, e de João Manuel da Cruz, apelidado de Joca da Gameleira. Sobre a sua infância e adolescência não há registros encontrados, sendo até a sua data de nascimento questionada, onde para alguns a mesma nasceu em 1857 ou 1856. Como a maioria das mulheres de seu tempo e de suas condições casou-se, pela primeira vez em 1884 – ou 1886 – com seu parente José Antônio de Macêdo (figura 02) – chamado de Cazuza ou Cazuzinha do Tipi – quando ainda morava no sítio Gameleira em Missão velha – CE.



Figura 01 – Imagem de Maria da Soledade Landim (Marica Macêdo).

Fonte: Acervo pessoal de José Cícero (secretário de turismo e cultura do município de Aurora – CE), agosto de 2018.

Tanto Marica Macêdo como seu esposo Cazuzinha do Tipi descendem da Estirpe de Santa Teresa ramo familiar proveniente do casal Capitão José Paes Landim e Geralda Rabelo Duarte povoadores da região do Cariri cearense⁵, sendo ele da quarta geração e ela da quinta geração, logo seu grau de parentesco é de primos de segundo grau.

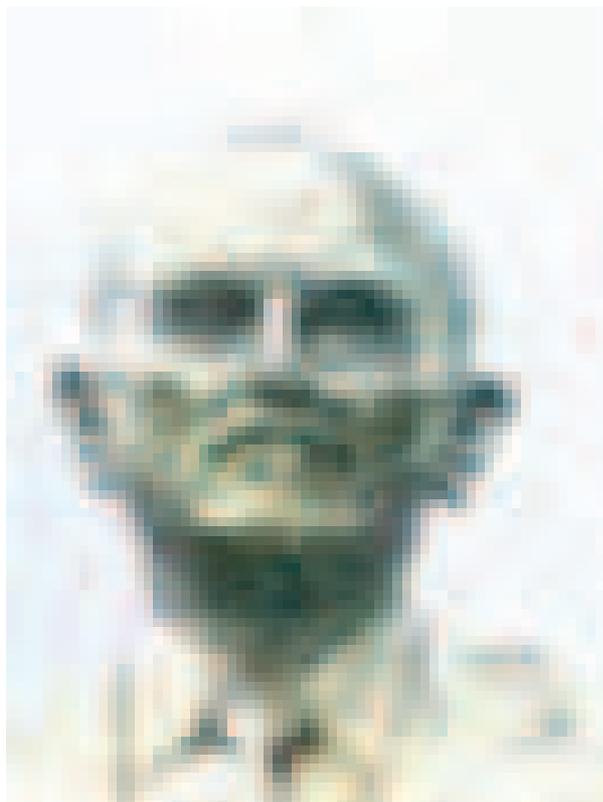


Figura 02 – Fotografia de José Antônio de Macêdo (Cazuza ou Cazuzinha do Tipi).

Fonte: Acervo pessoal de José Cícero (secretário de turismo e cultura do município de Aurora – CE), agosto de 2018.

Em 1891, já com três filhos, o casal decidiu mudar-se para o município de Aurora, em busca de “uma região propícia às atividades agropecuárias cujo desenvolvimento lhes permitisse criar e educar seus filhos em melhores condições.” (MACÊDO, 1998, p.8). Contudo, é importante citar que aquela época Missão Velha já era uma cidade de certo prestígio, tendo em vista que é um dos municípios pioneiros da região do Cariri, o que nos leva a alguns questionamentos: teria ocorrido algum desafeto

⁵ Faremos um melhor aproveitamento das informações acerca do ramo familiar dos Terésio no capítulo três, onde analisaremos o livro de Joaryvar Macêdo, *A Estirpe de Santa Teresa*.

ou questão entre Marica Macêdo, seu marido e alguma outra família daquela localidade? O que buscavam Marica Macêdo e Cazuza ao deixarem sua terra natal e se aventurarem em uma cidade que ainda estava em processo de formação? Algumas hipóteses circundam minha cabeça, contudo, sem a existência de documentos que as comprovem, detenho-me por hora a continuar apresentando Marica Macêdo e sua família.

Compraram a propriedade do sítio Sabonete⁶ a partir de onde mais tarde se formaria a vila Tipi – hoje correspondente ao Distrito de Tipi⁷ – local onde fixaram residência até o fim da vida. Tiveram ao todo oito filhos – Raimundo Antônio de Macêdo (Mundoca Macêdo), Joana da Soledade Landim (Joaninha), João Antônio de Macêdo, Antônio Landim de Macêdo, José Antônio de Macêdo (Cazuza como o pai), Silvino José de Macêdo, Felinto José de Macêdo e Augusto Landim de Macêdo. Esse ramo da família ficou popularmente conhecido no município de aurora como os “Macêdo brancos”⁸.

O casal, Marica Macêdo e Cazuza Macêdo, implantaram naquela localidade uma pequena fazenda denominada Sítio Mel (figura 03), que ao passar do tempo tornou-se bastante próspera devido à prática agrícola e produção açucareira e serviu como fonte de renda para os moradores da localidade tendo em vista que gerou inúmeros trabalhos em sua lavoura e no engenho da família.

⁶ Acerca da nomeação “Sabonete” dada ao sítio mais informações foram buscadas, contudo, nada foi encontrado.

⁷ Território de poder da família Macêdo. O nome Tipi se deu em virtude da extensa vegetação de arbusto de mesmo nome que havia na localidade.

⁸ O outro ramo da família qual se popularizou pelos “Macêdo pretos” era proveniente do irmão de Coronel Cazuza, João Antônio de Macêdo (Vigário Macêdo), que veio para Aurora na mesma comitiva que o irmão e passou a residir no Sítio Antas em Aurora.



Figura 03 – Desenho da propriedade onde Marica Macêdo e sua família residiam no sítio Tipi.

Fonte: Acervo pessoal de José Cícero (secretário de turismo e cultura do município de Aurora – CE), janeiro 2019.

O sucesso alcançado por Marica Macêdo e seu esposo naquela região se deve, em suma, pelo fato do terreno em que se radicaram estar localizado em um ponto estratégico que liga a cidade de Aurora a áreas como: o município do Barro - CE e a oeste do Estado da Paraíba (próximo à cidade de Cajazeiras – PB) e no caminho para Juazeiro do Norte – CE. O sítio Tipi além de ficar nesta região de transição entre cidades, é também via de entrada e saída para o município de Aurora através da BR 116. Esta localização facilitou o comércio das matérias-primas cultivadas pelo casal em sua fazenda – milho, algodão, etc.

Foi no sítio Tipi que Marica projetou-se inicialmente como mandatária e despontou como figura política, em uma época em que as mulheres eram restritas apenas a cozinha, Marica lançava-se em meio às esferas públicas, comandava juntamente ao marido a fazenda e os empregados. Lidava com a enxada, a foice, as armas, adestrava os animais e dava ordens aos “cabras”⁹, ao mesmo tempo que comandava a cozinha, cuidava dos filhos e ajudava no letramento das crianças da região.

Em 1905, com mais ou menos 40 anos de idade, e com oito filhos jovens para criar Marica ficou viúva, seu esposo Antônio José de Macêdo veio a óbito por morte

⁹ Designação dada aos empregados que eram uma espécie de “faz tudo”, ou seja, lidavam desde as atividades agrícolas até a luta aramada quando necessária.

natural com a idade de mais ou menos 50 anos. Diante isto, de maneira mais expressiva agora, ela não mais se encontrava limitada a esfera doméstica, aos papéis de esposa e mãe, mas era, também, responsável pelas negociações na fazenda, pelos jogos políticos e econômicos, pelo comando dos jagunços que antes deviam fidelidade ao seu marido. O casal tornou possível a formação de um próspero lugarejo nas adjacências de sua propriedade, onde deram trabalho aos sitiados em sua fazenda e ofertaram estudo para os filhos dos empregados, logo o carinho e dívidas de gratidão foram se intensificando entre ambas as partes o que auxiliou Marica Macêdo quando mediante sua viuvez teve que assumir o controle da propriedade, ela se apoiou na autoridade já conquistada junto ao seu marido para se tornar uma respeitada mandatária naquela região. Os apoiadores de coronel Cazuza agora eram fiéis apoiantes de Dona Marica.

Entretanto, conforme nos diz Macêdo (1998) que ouviu de sua mãe Maroca¹⁰, mesmo com disposição a dar continuidade aos negócios da família sozinha, em 1906 casou-se pela segunda vez com Antônio Abel de Araújo. Diante o que já retratamos sobre sua garra é nítido que as novas núpcias geraram diversos comentários, haja vista ser considerada uma mulher tão decida e independente. No entanto, segundo o que se é relatado, Marica disse desposar-se novamente pelo fato de toda mulher precisar de um companheiro, de um homem que lhe dê apoio, um pensamento comum para época. Em vista disso, faz-se importante frisarmos a necessidade que era imposta pela sociedade patriarcal onde a mulher sempre deveria ter a figura masculina ao seu lado, dando-lhe legitimidade já que para alguns “a profissão principal da mulher ainda era amar e agradar aos homens, ser esposa e mãe” (SIMILI, 2008, p. 41).

É como se este “ser mulher” não pudesse, também, fazer parte das estruturas de poder que ultrapassam os domínios do lar. Neste caso é preciso pensar antes de tudo no que é o poder, como o vemos e como o praticamos, é importante que busquemos compreender o poder e suas estruturas, ou seja, para se escrever uma História das Mulheres, se faz necessária esta reflexão acerca do poder e de como a sociedade se apropria dele. Como já vimos no capítulo anterior com a emergência da Nova História Cultural algumas noções e conceitos foram reformulados, dentre estas a concepção de poder que passa a referenciar como poder, também as ações micro, os poderes cotidianos. Contudo esta é uma discussão que deixaremos para outra oportunidade, vamos aqui nos deter a descrever a vida de Marica Macêdo e seu caminho percorrido

¹⁰ Vicência Landim de Macêdo sobrinha e nora de Marica Macêdo.

até o lugar de prestígio e representatividade social alcançados por ela. Contudo, valendo uma ressalva acerca do fato de que exercício do poder, que quer seja dentro de casa no comando da família, quer seja em meio a confrontos findou por tornar Marica Macêdo um símbolo político no município de Aurora – CE. Como afirma Max Weber política é “qualquer tipo de liderança independente em ação”¹¹ sendo esta liderança fruto do poder que se conquista através da palavra. Por isso torna-se possível dizer que Marica iniciou sua ação política antes mesmo da morte de seu primeiro esposo quando já exercia poder dentro do lar, nos limites de sua fazenda, já se viam aí traços de liderança e voz ativa advinda da mesma.

Marica nos aparece como uma mulher que embora reproduza valores tradicionais, como a defesa do casamento e necessidade de um homem para apoiar a figura feminina, suas práticas parecem subverter normas estabelecidas para as mulheres daquela época. Inconscientemente ou estrategicamente, o que de fato é preciso destacar é que ela atuou como uma mulher guerreira e dona de si ao passo que era ainda a boa senhora que seguia as normas sociais, o que a torna esta personagem tão intrigante da história aurorense.

Este novo enlace matrimonial, ao que entendemos, só ocorreu devido à necessidade que a mandatária tinha em seguir os preceitos patriarcais que regiam a sociedade dos anos entre os séculos XIX/XX, pois, de acordo com as narrativas de seus familiares, sua relação com o novo conjugue baseava-se apenas em um contrato onde ele, Antônio Abel, seguia todas as ordens de sua esposa, ele não tinha palavra nenhuma sobre as ações que a mesma tomava.

Segundo narrativas de seus descendentes, conta-se que ao chegar alguma visita a sua propriedade, Marica Macêdo mandava Antônio Abel ir para o quarto e quando indagada sobre o paradeiro do esposo ela dizia que ele estava doente. De modo que o segundo marido de Marica Macêdo foi – ao que percebemos através do exposto – um disfarce necessário para que ela pudesse exercer suas atividades sem questionamentos da sociedade. A figura masculina lhe daria legitimidade enquanto sujeito social se pensarmos de acordo com a visão predominante patriarcal que se fazia tão bem definida aquela época e, sobretudo, nesta região. Marica Macêdo teria lutado – inconsciente ou estrategicamente, não temos como definir seus pensamentos – contra o preconceito acerca da mulher, já que mostrou para a sociedade que um homem nem sempre tem

¹¹WEBER, Max. – **A política como vocação.** – ED.: UNB, nº 1, 2003.

lugar de prestígio sobre a figura feminina. Vemos aqui que a reclusão ao espaço privado pode também ser masculina enquanto o público é protagonizado pelo feminino ao passo que Antônio Abel, seu esposo, era quem se retirava nas conversas sobre negócios e política, enquanto Marica Macêdo atuava como líder destas, conotando uma clara inversão de papéis nessa ordem social.

Segundo Macêdo (1998) a matriarca sempre estimulou a união dentro do seu seio familiar com o intuito de que sua prole fosse também unida fora do lar, em relação às lutas econômicas e políticas. No conjunto do Clã Macêdo, sempre foi referenciada com respeito e admiração, sendo exemplo de coragem, autoridade, senso político e administrativo não apenas para sua família, mas também para os demais aurorenses. “A parentela de vó Marica se reunia ao redor da matriarca e seguia as orientações dadas, quer sobre assuntos políticos ou familiares.” (MACÊDO, 1998, p. 34) Influente e respeitada tornou-se de fato uma grande liderança.

Marica criou um vínculo muito forte com a localidade de Tipi, o que acarretou a este distrito o apelido de “berço dos Macêdo em Aurora”, configurando-o como território de poder desta oligarquia. As famílias que residiam nas adjacências da propriedade de Marica estavam ligadas economicamente a mandatária e logo se tornavam subordinados politicamente. Despertava ao mesmo tempo gratidão e medo nos que estavam sob sua tutela, agindo de acordo com as características de um verdadeiro coronel, ela fazia com que sua palavra sempre prevalecesse em qualquer assunto ali discutido como nos mostra Macêdo “Sua decisão tinha força de lei e era aceita pelas partes.” (1998, p. 34) Era considerada “juíza” pelos familiares e correligionários. De acordo com relatos informais, extraídos de conversas com descendentes de Marica Macêdo, conta-se que quando alguma mocinha tinha sua virtude corrompida por algum rapaz Marica mandava buscá-lo onde quer que estivesse e o obrigava a reparar o “dano” causado. Questões como esta e tantas outras quando não eram resolvidas na particularidade de cada família logo eram encaminhadas a Marica, que seja por palavra ou sob a alçada de seu bacamarte tratava de acertá-las.

Assim como a maioria das mulheres pertencentes a sua época e meio social Marica Macêdo era uma senhora bastante religiosa e todo o dia ao anoitecer reunia a família e empregados para rezar o terço em oferta a São José, padroeiro do Ceará e intercessor das chuvas. Entretanto, diferentemente das demais religiosas sempre andava com seu terço no pescoço e o bacamarte nas costas, protegida, como ela mesma dizia com suas duas armas: a divina e a humana. Durante a “Questão de 8” ao ter um filho

morto em consequência do confronto armado, conta-se que Marica intercedeu a Deus que jamais a permitisse sentir novamente a dor de ver um filho seu partir, diante tamanha devoção em seis de janeiro de 1924, enquanto fazia uma visita a sua filha Joaquina que se encontrava enferma, Marica faleceu com a idade de 59 anos, tendo seu pedido atendido por Deus, já que a filha veio a óbito dois dias após o seu falecimento.

A respeito do falecimento a princípio a causa foi atestada como infarto do miocárdio, contudo após alguns anos ao exumarem os ossos da mesma para transferi-los para a capela da família Macêdo, notou-se que a prótese dentária utilizada por Marica Macêdo encontrava-se presa a sua garganta o que levantou a hipótese de seu falecimento ter sido ocasionado por asfixia e não por infarto como havia sido atestado anteriormente.

Várias narrativas, ou o que no fazer historiográfico chamamos de representações circundam a figura de Marica Macêdo, algumas exageradamente exaltam sua imagem enquanto outras, similarmente a difamam, o que é um fato comum quando tratamos de coronéis que apresentação à encarnação do bem e do mal sendo esta característica o que os fazem ser reconhecidos por esta alcunha. Entre críticas e aplausos o que se sabe é que Marica Macêdo tornou-se uma personagem icônica para a história de Aurora, não há Aurora sem referência aos Macêdo e não há família Macêdo sem referência a Marica.

2.2 Brasil, Ceará, Aurora da virada de século XIX/XX: tempo de coronelismo, tempo de Marica Macêdo

O período em que nos detemos a estudar neste trabalho está incluído no espaço temporal da Primeira República e mais precisamente em sua segunda fase denominada de República das Oligarquias, que por demais sabido foi à época em que o Brasil foi controlado por cafeicultores de São Paulo e Minas Gerais que se revezavam no poder federal. Marcada por características de mandonismo e clientelismo, como já discutimos ao longo desta monografia esta foi à época do auge coronelístico, onde essas figuras emblemáticas, os coronéis, foram à caricatura perfeita do Brasil da Primeira República.

Na esfera estadual, entre 1896 e 1912 o Ceará esteve sob a administração da Oligarquia Accioli que tinha como líder o autoritário comendador Nogueira Accioli. De acordo com Macêdo (1990) “Precisamente a partir da era oligárquica aciolina, o coronelismo viveu sua fase de fastígio.” (p. 45). O coronelismo se fez neste período,

portanto, extremamente presente neste estado. Diminuindo o nosso recorte espacial nos deparamos com a região sul do estado denominada Cariri onde o coronelismo se fez como uma verdadeira ditadura e as leis do mais forte sempre prevaleciam. Em cada município desta região “reinava” um coronel.

No município de Aurora, recorte espacial deste trabalho, a política não se manifestava de modo diferente, o coronelismo e as leis cumpridas sob a alça do bacamarte eram vigorante, primeiro por intermédio da aliança entre o comendador Accioli e o coronel Antônio Leite Texeira Neto e posteriormente com coronel Cândido Ribeiro Campos sustentado no poder conquistado por sua aliada Marica Macêdo – mais uma vez vemos Marica Macêdo, assim como quando se casou pela segunda vez, utilizar-se da figura masculina para ser legitimada enquanto sujeito social.

Estas alianças e facções que se desenrolaram no Brasil, Ceará e Aurora durante a República das Oligarquias, mais precisamente entre os anos de 1891 a 1924, serão analisadas a seguir para que possamos então situar este estudo dentro da História Política do Brasil.

2.2.1 O Brasil da Primeira República: um país oligárquico

Instaurada em 15 de novembro de 1889 a República brasileira emergiu como forma de governo através de um golpe político-militar, sua proclamação foi assinada pelo Marechal Deodoro da Fonseca que se tornou o primeiro presidente do regime. Costuma-se dividir esta Primeira República em duas fases: a República da Espada que teve seu alto escalão composto por militares e posteriormente a República Oligárquica também conhecida como República Café com Leite ou República dos Coronéis¹². O sistema de governo que vigorou neste período foi o Federalismo, onde os Estados e municípios tinham total autonomia na realização de suas ações.

Neste período de domínio oligárquico, as alianças entre famílias e facções se fizeram altamente presentes no governo através da Política dos Governadores¹³ que se baseava no contrato entre os governadores com o Congresso Nacional a fim de dar apoio ao Presidente em suas decisões e em troca recebiam regalias, ou seja, era uma

¹²Aqui vemos o quão forte era a presença dos coronéis nos cargos principais e a política do Coronelismo neste período já que o mesmo ficou conhecido como República dos Coronéis.

¹³Acordo idealizado pelo presidente Campos Sales e usufruído pelos seus sucessores até o ano de 1930 com a posse de Getúlio Vargas.

troca de favores políticos entre o presidente e os governadores estaduais. A elite política e econômica garantia sua permanência no poder através de eleições fraudulentas e troca de favores como o acima citado. Enquanto as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais – daí a nomeação de Café com Leite já que referenciavam respectivamente as matérias produzidas nestes estados – que se figuravam como as mais importantes do país, alternavam-se na presidência do país outras oligarquias dos demais estados brasileiros lhes davam apoio em troca de demais cargos no governo federal brasileiro.

A economia neste período estava baseada em três setores: a agricultura, a indústria e as finanças – sendo importante lembrar que para que as Oligarquias se mantivessem no poder fazia-se de extrema importância o investimento na agricultura, que desse modo se configurou como a principal atividade econômica deste período. Tendo o café como produto substancial, a produção agrícola brasileira investiu ainda em borracha, cacau, açúcar, couro e algodão.

Alguns conflitos sociais se desencadearam neste momento devido a insatisfação do povo diante o regime oligárquico que privilegiava as elites como: a Guerra de Canudos (1896-1897), Revolta do Juazeiro (1913), Guerra do Contestado (1912-1916), Revolta da Vacina (1904), Banditismo Social – o cangaço – Revolta da Chibata (1910), Movimento Operário, Semana de Arte Moderna (1922), Tenentismo, revolta do forte (1922), Rebelião Paulista (1924), Coluna Prestes (1924-1926). Após todas estas revoltas ocorridas durante a Primeira república, tendo duas revoltas contribuído de forma mais expressiva para o declínio da República Oligárquica: Movimento operário e Tenentismo. Este período da história brasileira marcado pelo coronelismo chega ao seu fim com a explosão da denominada Revolução de 30.

2.2.2 O Ceará da Oligarquia Accioli

Após a proclamação da República o Ceará, assim como os demais estados brasileiros, passou por uma série de mudanças administrativas, políticas e econômicas. Considerada autoritária e monolítica a oligarquia Accioli comandou o estado durante 16 anos sob a tutela do comendador Antonio Pinto Nogueira Accioli.

A tradução perfeita do que se denomina coronel o comendador Accioli soube se aproveitar do poder e confiança que lhes foram depositados enquanto governador e usou este para favorecer e fortalecer a sua oligarquia. É por demais sabido que o Ceará aquela

época era vítima de uma situação precária decorrente do problema climático da seca, contudo Nogueira Accioli não priorizou o investimento em setores responsáveis pelo desenvolvimento do estado e de soluções para este problema, preferiu voltar-se para a construção de obras onde pudesse tirar vantagem pessoal. Durante a seca que assolou o estado do Ceará em 1898 a 1900 a oligarquia acciolina fez vistas grossas ao sofrimento sertanejo. Além da fome, ocorreu no estado uma epidemia de varíola e poucas foram as medidas tomadas pelo governo o que acabou dizimando um grande número de cidadãos.

Entre 1900 e 1904 o estado do Ceará foi governado por Dr. Pedro Borges que ao contrário do que se imagina findou por ser apenas uma peça nas mãos de Accioli, dando continuidade ao seu descaso com o estado.

O comendador Nogueira Accioli voltou ao poder em 1904 e fora reeleito em 1908 exercendo o cargo até 1912 quando é deposto. Em 1911 já diante um ambiente de insatisfação contra os mandos e desmandos de Accioli, Padre Cícero eleito prefeito de Juazeiro do Norte com o intuito de assegurar a permanência da família Accioli no governo cearense, promove juntamente a outros importantes coronéis caririenses o “pacto dos coronéis” – sendo importante referenciar a participação do coronel Cândido Ribeiro de Aurora neste pacto, que como já mencionado administrava este município ao lado de Marica Macêdo – onde juntos, forçaram a Assembléia Legislativa a rejeitar o nome de Franco Rabelo que havia sido escolhido pelo então presidente do Brasil, Hermes da Fonseca, para governar o estado Ceará.

Contudo apesar dos esforços empreendidos a favor da permanência do governador no ano de 1912, após inúmeras manifestações sendo a Passeata das Crianças¹⁴ a mais expressiva e principal fomentadora da deposição do líder político, Nogueira Accioli é deposto de suas atribuições e é exilado no Rio de Janeiro aonde veio a óbito em 14 de abril de 1921.

2.2.2.1 Cariri, sul cearense: terra de bravos coronéis

Algumas características básicas da Monarquia como o latifúndio, o mandonismo e a dominação continuaram vigentes no Cariri após a implementação da República e isto se deu, segundo Macêdo, em virtude “A distância da capital, numa época de

¹⁴Cerca de seiscentas crianças, lideradas por algumas mulheres cearenses, vestidas de branco com laços verdes e amarelos desfilavam nas ruas de Fortaleza com um medalhão do coronel Rabelo como forma de protesto contra o comendador.

grandes dificuldades no referente a meios de transportes e comunicação, atenuava sobre maneira a influência do poder estadual, de muito pouca significância no Cariri, como também emperrava o avanço da civilização na área.” (1990, p.33). Sendo essas características fortificadas com o surgimento do coronelismo. Todavia, essa era uma realidade não só dos recantos interioranos do Ceará, nos demais estados brasileiros e nordestinos a vida e cotidiano da maioria da população sofria as consequências do descaso da elite republicana para com o social. Não sendo, pois uma questão de proximidade ou distância dos centros, mas de política de acordo entre elites locais beneficiadas com a situação, com os poderes centrais.

O Cariri como já citado anteriormente era considerada berço do banditismo no Ceará e viu o coronelismo se exercer em sua forma mais severa. Logo, por efeito desta distância e “desleixo” do poder estadual no tocante a esta porção do Estado viu-se por aqui “[...] o livre trânsito e a permanência de grupos de cangaceiros, acobertados por coronéis ou chefes políticos, vários dos quais passaram à história como famosos coiteiros ¹⁵.” (MACÊDO, 1990, p. 33). Este descaso do governo deve-se em consequência desta região não ser considerada “boa” economicamente para o Estado, enquanto o litoral nordestino dedicava-se ao monopólio da produção do açúcar para atender ao mercado europeu, o interior cearense experimentava uma produção de subsistência e pequena comercialização, onde os derivados da cana de açúcar atendiam apenas a uma demanda local ou regional, isto é, não gerava um montante relevante como o litoral. Assim, sem uma participação efetiva na economia do Estado, o Cariri não era prioridade nos demais assuntos, desse modo tornou-se alvo fácil para os coronéis que procuravam uma cidade para exercer seu poder sem interrupções e para os bandoleiros que buscavam refúgio das autoridades.

Palco da “Sedição de Juazeiro” e da “Revolução cearense de 1914” o Cariri foi cenário de uma dinâmica perigosa em virtude destas revoltas, a união de política e religião. Esta prática se traduziu nas ações de Padre Cícero que para alcançar suas ambições políticas usou da fé dos cidadãos caririenses para recrutá-los contra o governo de Franco Rabelo, usou dos sentimentos religiosos em prol da manutenção do poder coronelístico. Tratava-se de um campo minado por rivalidades dos interesseiros homens do poder local em disputa pela permanência de seus privilégios frente aos ventos da cena política nacional e das intrigas do planalto.

¹⁵ Designação dada aos que davam abrigo – “coito” – aos cangaceiros.

Entre padres, médicos, senhores de engenho e ricos agricultores Marica Macêdo integrava o grupo dos bravos coronéis caririenses que concentravam em si o supremo poder político de seus municípios.

2.2.3 A Aurora – CE de 1908: a oligarquia dos Leite Oliveira

A oligarquia dominante em Aurora até 1908 era a família Leite Oliveira, dirigida pela figura do senhor Antônio Leite Teixeira Neto – Totonho Leite ou Totonho do Monte Alegre. Por interesses políticos contrários, Totonho, resolveu destituir de suas funções políticas – intendente e coletor municipal – seu sobrinho Antônio Leite de Oliveira que era amigo estimado por Marica e seu falecido esposo, Totonho ao solicitar o apoio de Marica para subsidiar esta ação a mesma se negou a tolerar tal arbitrariedade. Era incomum ocorrerem divergências entre Marica e o Cel. Totonho, já que eram correligionários na política municipal e apoiavam a mesma facção política a nível estadual – que tinha como líder Nogueira Accioli então presidente do Estado do Ceará na época – além de que haviam, ainda, estreitos laços de parentesco e afinidade entre ambas as famílias, sendo a própria filha de Marica, Joanhina, casada com Vicente filho do coronel Totonho. Entretanto, diante a negação do apoio de Marica, Totonho decidiu invadir a propriedade do sítio Sabonete onde ela residia como represália a sua atitude. O coronel sentiu-se profundamente ofendido diante este acontecimento, sobretudo, pelo fato de ter sido contrariado por uma mulher.

Prosseguindo com os fatos que compuseram o turbulento ano de 1908 em Aurora, ressaltamos outro importante fator para o desencadear da “Questão de 8”, nesta mesma época Pe. Cícero Romão, representado na figura de Dr. Floro Bartolomeu, estava trabalhando em um processo de demarcação de terras no sítio Coxá (neste local havia jazidas de minério de cobre que interessavam economicamente ao padre). Porém, alguns dos sitiados deste território não aceitavam tal delimitação de terras, tendo em vista esta operação tomar parte de suas propriedades, o que resultou no confronto conhecido como “Fogo do Taveira” entre os trabalhadores de Pe. Cícero e os moradores da localidade. Esta povoação que esta situada entre os municípios de Aurora e Milagres – CE, também não tinha uma boa relação como o Cel. Totonho tendo mais afinidade com o Coronel intendente do município vizinho o Cel. Domingos Leite Furtado. Sendo ainda, nesta mesma localidade aonde Marica em sua ida a região do Cariri para buscar

auxílio contra o Coronel Totonho decidiu pernoitar. Em virtude disto, a região tornou-se o primeiro alvo de ataque na fatídica “Questão de 8”.

Totonho tinha o intuito de invadir a localidade, prender e punir os que se opuseram a ele. Isto posto, vale ressaltar que os ânimos sócio-políticos em Aurora estavam aflorados, o que fez com que fosse iniciada uma caçada política e violenta entre as famílias de renome da cidade.

A perseguição política somada ao “Fogo do Taveira” culminaram na revolta denominada “Questão de 8” – nome relativo ao ano em que ocorreu o embate, 1908. Na madrugada do dia 17 de dezembro a força policial solicitada pelo Coronel Totonho Leite e comandada pelo Tenente Florêncio [...] atacou a casa do Capitão José dos Santos e seus arredores. Os invasores pretendiam prender os Paulinos, e certamente, humilhar e ultrajar o Coronel Domingos Leite Furtado, os Santos, Marica Macêdo e familiares. (MACÊDO, 1998, p.25)

Entretanto, conforme Macêdo (1998, p.25) “O intento do Coronel Totonho, executado pelos seus enviados, não obteve êxito esperado.” Marica Macêdo auxiliada por seu irmão Amâncio João da Cruz e em conjunto aos homens do Coronel Domingos conseguiram derrotar os capangas de Totonho.

Contudo, esta revolta apesar de trazer prestígio a Marica, também foi responsável pela dor da perda de seu filho mais novo (Cazuzinha) que com apenas 14 anos de idade foi vítima do tiroteio enquanto tentava salvar seu cavalo. Todos os filhos de Marica lutaram no confronto e presenciaram a triste partida do irmão. Destemida e ávida pela vingança contra Totonho, Marica enfrentou a situação corajosamente acompanhada dos demais filhos. Ainda no dia 17 Marica resolveu buscar auxílio de seus parentes, pois mesmo tendo vencido aquela batalha a matriarca sabia que ainda era necessário prender Cel. Totonho para por um fim aquilo tudo. Assim, com o apoio dos coronéis do Cariri, após dez dias do episódio do “Fogo do Taveira”, Marica conseguiu prender e depor Cel. Totonho de suas funções na cidade

Os Coronéis Antônio Joaquim de Santana de Missão Velha, João Raimundo de Macêdo – Joca do Brejão – de Barbalha, Domingos Leite Furtado de Milagres e o Major José Inácio do barro, chefes políticos situacionistas, telegrafaram ao Presidente do estado, Nogueira Aciolí, exigindo a retirada da força policial que permanecia em Aurora, sob as ordens do Coronel Totonho, avisando-o que pretendiam invadir a cidade. A solicitação dos Coronéis foi atendida pelo Presidente do estado. Em 23 de dezembro de 1908, Aurora foi invadida por cerca de seiscentos homens comandados pelo Major José Inácio. Após seis horas de luta, o Coronel Totonho e seus aliados foram depositos de suas funções. (MACÊDO, 1998, p.27).

Depois de deposto o coronel Totonho inicialmente refugiou-se no sítio de D. Marica Taveira, próximo do riacho do Rosário. Não se sentindo seguro ali, retirou-se para a casa do amigo João Coelho, no sítio Tabocas. Porém, o esconderijo logo foi descoberto, ao ser capturado o ex-intendente foi conduzido à cadeia de Lavras da Mangabeira – município vizinho a Aurora. Totonho conseguiu, ainda, escapar da cadeia de Lavras e fugiu para a cidade de São João do Rio do Peixe, no oeste paraibano. Ali viveu algum tempo sob a proteção do Pe. Joaquim Cirilo de Sá.

Podemos perceber através da participação de Marica Macêdo nesta revolta, e em sua perseverança em perseguir e depor Totonho, certa paixão pelo poder partindo dela e o que também nos mostra sua afinidade com as práticas coronelísticas e as causas políticas baseadas no mandonismo. Portanto, o caminho para que ela se tornasse de fato uma “coronela” foi delineado dentro desta revolta, entre o luto e a alegria, foi durante a “Questão de 8” que Marica embebedou-se do poder e adquiriu gosto pelo mesmo.

Ao se tornar detentora desta posição de destaque no cenário político cearense Marica Macêdo foi referenciada como “coronel de saias”, o que nos leva a retomar a questão já levantada acerca desta nomenclatura masculina que cerca as mulheres nordestinas. Apesar de existir no idioma português as formas femininas de designação militar, como: coronela, soldada, etc.; as Forças Armadas preferiam empregar o masculino para ambos os casos, tornando esta designação como determinante do modo de tratamento, isto é, reafirma o estereótipo de dominação masculina através da masculinização da mulher forte. O campo coronelístico no Nordeste é ainda mais masculinizado do que a patente em sua condição original. Utilizando a designação das Forças Armadas para referenciar os líderes políticos locais, os chefes oligarcas, o termo coronel aqui se faz como formador da identidade desta região que em busca de dar significado para a nova nomenclatura dada ao antigo Norte do país necessitou de um sujeito que fosse a cara da região. Logo o sertão de cabra-macho tornou-se um território masculino em todos os seus domínios, onde o coronel era o reflexo desta masculinidade. Percebe-se, portanto, a alusão do termo “macho” como sinônimo de força, virilidade, valentia, sendo estes símbolos o que o elegem como representante do Nordeste.

Denominá-la de “coronela”, mesmo que pareça uma forma incomum, é um modo de afirmar a sua feminilidade e de mostrar como as mulheres podem estar inseridas nestes lugares típicos do homem, é incluí-la como sujeito atuante nesta região com uma base patriarcal tão bem definida.

Um fato ímpar na história deste município a “Questão de 8” configura-se, de igual modo, como um marco para a História das Mulheres do Brasil, do nordeste, do Ceará e do Cariri deste estado, já que Marica ao mesmo tempo que comandou um verdadeiro exército, perseguiu e depôs um respeitado coronel – contribuindo ainda para cessar com o poderio e banditismo exercidos pelo supradito nesta localidade – ajudou na formação de novos espaços sociais para as mulheres, como mandonas, chefes oligarcas, representantes políticas, afirmando, deste modo a inegável participação destas personagens na história.

2.3 A participação de Marica Macêdo no campo político da cidade de Aurora.

Como já vimos discutindo, propõe-se aqui um estudo da atuação de Marica Macêdo como protagonista política no município de Aurora, onde se fará uma releitura do papel exercido por ela em um dado momento da história aurorense, sendo importante analisar a fatídica “Questão de 8” que se sucedeu em Aurora e diz muito acerca desta atuação política e da construção de sua imagem como uma figura popular em todo o Ceará, como a “brava sertaneja aurorense”.

Faz-se de suma importância lembrar que Marica nunca chegou a ocupar cargos políticos (intendente, vereadora, etc.) ou filiar-se a partidos, isto porque no final do século XIX e início do século XX a atividade política era um espaço restrito aos homens, as mulheres raramente expressavam suas opiniões acerca destes assuntos, e se hoje no que tange a representatividade das mulheres na política esse debate ainda se encontra muito distante do desejado, imagine há um século. Não há registros sobre alguma tentativa de Marica Macêdo a ser de fato uma candidata política, uma partidária, em virtude disto cogitamos que este contexto restrito aos homens na política tinha sido o fato pelo qual a matriarca não se configurou como tal.

Nos sertões, sobretudo, as mulheres estavam subordinadas aos homens, não tinham direito a nada, entretanto, como já citado anteriormente, Marica soube sobressair-se diante esta situação – assim como quando ficou viúva mais uma vez estrategicamente burlou os preceitos sociais – aproveitou-se do respeito conquistado para comandar seus filhos e correligionários quando ocuparam cargos importantes na cidade, mesmo nos bastidores Marica sempre permaneceu de forma atuante nas decisões políticas, econômicas e sociais do município.

É a partir do ano de 1908 que Marica ultrapassa as fronteiras do sítio Tipi e passa a ser uma figura respeitada e temida por todo o município de Aurora. Como citado acima, é através de sua atuação na denominada “Questão de 8” que Marica se torna uma heroína, para a sociedade aurorense. É a partir deste acontecimento que seu nome passa a ser conhecido por todo o município e regiões vizinhas. Tendo em vista que esta revolta ocorrida em Aurora envolveu coronéis de diversas cidades do estado do Ceará, a mandatária ganhou, também, espaço de prestígio em todo o estado.

Dentre os inúmeros relatos acerca deste fato ocorrido nesta cidade, muito se menciona sobre ela mesma ter pegado em armas e lutado durante esta revolta, sendo, portanto, válido ressaltar que a mesma não atuava apenas como mentora da facção Macêdo, mas também lidava com o bacamarte, com a batalha, estava no meio do encruzilhar das balas.

Portanto, para entendermos como Marica Macêdo tornou-se uma influente figura política em Aurora é importante primeiro entendermos o contexto em que a cidade encontrava-se inserida naquela época e os acontecimentos que culminaram na “Questão de 8”.

Durante o ano de 1908 a cidade viveu um período de intensas perseguições movidas pelo desejo de vingança. Ocorreram várias caçadas políticas que findaram por culminar em uma verdadeira guerra dentro do pequeno município cearense, como podemos perceber nas palavras de Calixto (2013, p. 25)

[...] um dos mais tétricos causos desta página penumbrosa da história de Aurora e do Nordeste brasileiro, que à época, declinava-se ao amargo dissabor das questões resolvidas ao relampejante pestanejar das lâminas do punhal e da estampida e fumacenta alçada do bacamarte.

É a partir deste sangrento episódio que Maria da Soledade Landim passa de “dona do lar a brava sertaneja aurorense”. Vemos, portanto, a datar deste fato a sua efetiva participação nas questões político-administrativas do município de Aurora – CE. Torna-se importante frisar que a boa condição financeira e o prestígio de sua família foram fatores elementares para eleger Marica como sujeito principal desta revolta, e posteriormente transformá-la em um mito político com papel importante para a sua época.

Neste capítulo buscamos situar espaço-temporalmente nossa pesquisa e apresentar Marica Macêdo no íntimo do seu lar assim como em sua atuação pública. No

capítulo posterior iremos retomar a discussão acerca destas ações, contudo, problematizando-as, assim como traduzindo como questão a ser perseguida os aspectos que a compõem como “coronela”, analisando para isto os lugares de onde essas representações que envolvem sua imagem se constroem.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UM SUJEITO: MARICA MACÊDO EM *A ESTIRPE DE SANTA TERESA, IMPÉRIO DO BACAMARTE E MARICA MACÊDO: A BRAVA SERTANEJA AURORENSE*

Nos dois capítulos anteriores pudemos observar a apresentação do contexto histórico/temporal/social no qual se encaixa esta monografia, no primeiro capítulo foi feita uma abordagem sobre as novas perspectivas do fazer historiográfico, enquanto no segundo apresentamos algumas informações biográficas da personagem Marica Macêdo onde situamos, ainda, espaço-temporalmente o presente trabalho. Neste terceiro capítulo partiremos para a discussão daquilo que entendemos como sendo nosso objeto de estudo mais particularizado, ou seja, nos voltamos para as representações criadas em volta de Marica Macêdo a partir da nossa principal documentação os livros: *A Estirpe de Santa Teresa, Império do Bacamarte e Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense* – os dois primeiros de autoria de Joaryvar Macêdo e o segundo de Vicente Macêdo, estas obras são responsáveis, portanto, por nos mostrar os lugares sociais que moldam a construção das representações acerca de Marica Macêdo.

Diante dos lugares e atitudes de produção visualizados em uma representação ou outra, que nos defrontaremos no decorrer deste estudo, torna-se necessário compreendermos os conceitos de lugar social, discutido por Michel de Certeau, e de representação, explanado por Roger Chartier. Estes conceitos são centrais para as discussões da Nova História Cultural visto que trazem para a feita historiográfica a tão desejada pluralidade que este novo ramo da história tem buscado. Nota-se, portanto uma diversidade acerca das compreensões e certa “liberdade criadora” da história, já que como percebemos no uso do termo representações, variados signos são formulados e refletidos a partir dos sujeitos e objetos estudados.

É importante fazer uma ressalva acerca da autoria dos livros mencionados, podemos notar a partir dos autores destas obras que se trata de uma história feita por Macêdos sobre Macêdos o que, todavia, implica em narrativas interessadas nas três obras apesar de surgir de diferentes lugares sociais. No entanto, não se tornam redundantes tendo em vista se tratarem de representações de diferentes episódios da vida desta personagem.

Assim tomamos como questão norteadora para a discussão deste terceiro capítulo uma indagação sobre Marica Macêdo a qual buscaremos responder através destas representações engendradas nas obras supracitadas: era Marica Macêdo uma coronela, uma mulher de política ou apenas uma mãe caridosa em meio a uma cultura de tratos costumeiramente violentos, autoritários e arrogantes?

A partir daqui, portanto, nos ocuparemos em discutir as faces atribuídas a Marica Macêdo a partir dos lugares de fala encontrados nestes livros, buscando discutir e clarificar esta questão acima citada. Para isto é importante lembramos que “As representações do mundo social, assim, construídas embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam.” (CHARTIER, 1990, p. 17). Assim, partindo de lugares sociais e épocas diferentes as três narrativas aqui apresentadas acerca de Marica Macêdo foram construídas conforme as condições sociais, econômicas e políticas destes lugares, o que resulta em representações sociais específicas em cada uma delas. É importante destacar ainda que a posição do autor também interfere na construção das representações sociais dos sujeitos e objetos, portanto as normas e valores sociais juntamente as motivações e experiências do autor são fatores determinantes na concepção das representações sociais, ou seja, as identidades atribuídas às personagens históricas são resultado do lugar onde se desenvolvem e de quem as desenvolve.

De acordo com Certeau (2008, p. 66) a operação historiográfica como um todo “[...] se refere à combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita”, logo faremos aqui uma reflexão acerca das implicações deste lugar social e das práticas efetuadas dentro deste que resultam na escrita histórica traduzindo-se finalmente nas representações sociais dos sujeitos e objetos da história. Reforçando esta perspectiva de Certeau dialogamos com Chartier que salienta que “Toda reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico.” (1991, p. 177).

Os livros *A Estirpe de Santa Teresa, Império do Bacamarte e Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense* serão aqui analisados e interpretados conforme os objetivos propostos para este estudo, isto é, buscaremos a partir destas leituras compreender Marica Macêdo e as representações que a cercam e a elegem uma figura política do município de Aurora. Logo, a análise documental realizada através das obras supraditas corresponde aos lugares sociais e representações acerca de Marica Macêdo, pois

conforme Certeau: “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.” (CERTEAU, 2008, p. 67).

Vemos na *Estirpe da Santa Teresa* escritos sobre a genealogia familiar e a tradição de um nome, isto é, a partir deste livro temos uma representação de Marica Macêdo que parte da representação da sua família, a representação de um poder herdado e que se mostra uma marca daquela prole. Já no *Império do Bacamarte* iremos nos deparar com uma representação sustentada em uma tradição de poder e luta que é construída pela própria Marica Macêdo ao fazer parte dos conflitos políticos e armados ocorridos na cidade de Aurora. Por fim, em *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense* nos defrontamos com um olhar carinhoso e nostálgico que finda por tecer uma narrativa intencionada e enaltecedora de Marica Macêdo. No entanto, devemos lembrar que mesmo perpassando por distintos lugares sociais em todos eles há elementos que se repetem e que constroem a personalidade de Marica Macêdo enquanto esse sujeito político quer seja através de suas lutas, quer seja de maneira carinhosa ou até mesmo os que a interpretam como uma tirana, as construções que temos acerca de Marica Macêdo são todas ligadas a uma mulher de caráter expressivo e que representa o poder coronelístico.

Desse modo, nesse capítulo que se inicia queremos mostrar as obras *A Estirpe de Santa Teresa*, *O Império do Bacamarte* e *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense* como lugares privilegiados de construção de memórias acerca de Marica Macêdo. São, portanto, narrativas que fazem parte de uma cultura histórica mais ampla e como tal tem um papel importante enquanto lugar de produção e reprodução de representações. A análise das obras permitirá a visualização de conflitos, tensões políticas, aspectos públicos e/ou pessoais que se tornam imprescindíveis para a compreensão não só acerca de Marica Macêdo, mas do momento histórico e das posturas políticas oriundas da política clientelista que compunha o cenário dos anos iniciais da República (aspectos relevantes levando em consideração a intimidade de Marica Macêdo com a prática coronelística).

3.1 *A Estirpe da Santa Teresa: analisando Marica Macêdo através de sua linhagem familiar*

A Estirpe de Santa Teresa é uma obra de Joaryvar Macêdo. A edição utilizada para embasar este estudo foi publicada em 1976, na cidade de Fortaleza pelo Programa editorial da Universidade Federal do Ceará, é uma edição Fac-similar¹⁶.

Propomo-nos aqui a analisar a família de Marica Macêdo não em sua forma biológica, mas, como uma instância de representação social que nos permite compreender algumas peculiaridades acerca desta mulher tendo em vista que os estudos sobre parentelas podem ser facilitadores para a compreensão acerca das práticas e representações dos seus sujeitos. Tendo em vista que toda família tende a transmitir seus padrões, valores e até mesmo às discórdias para as gerações futuras, a análise destes fatores no tocante a ascendência de Marica Macêdo torna-se importante e uma rica fonte sobre os padrões a partir dos quais se desenvolve a descendência de Marica Macêdo, ou seja, os Macêdo de Aurora carregam em si muitas das práticas e características dos Terésios do Sítio de Santa Teresa, assim é de imprescindível valor para a nossa pesquisa nos dedicarmos a leitura e compreensão desta obra.

Isto posto, a relevância deste exemplar para o nosso baseia-se no fato de ser composto por escritos sobre a influência e poder adquiridos por esta linhagem desde seus primeiros membros, assim a partir desta estirpe podemos construir uma representação de Marica Macêdo que se esboça por meio de seu sobrenome.

3.1.1 Os Terésios: sementes do núcleo familiar que antecederam Marica Macêdo

As informações mais remotas encontradas por Joaryvar Macêdo e reproduzidas na *Estirpe da Santa Teresa* apontam os primeiros membros desta linhagem no Brasil como sendo o casal de portugueses Alferes Simão Rodrigues de Sousa e sua esposa Úrsula Paes Landim, vindos para este país para auxiliar no processo de povoamento da

¹⁶ Fac-similar é uma edição nova que apresenta uma reprodução exata da edição original, incluindo fontes de letras, escalas, ilustrações, diagramação e paginação.

colônia estabeleceram-se na antiga Vila de Alagoas do Sul, deste casal “[...] era filho o fundador, no Cariri cearense, do Engenho de Santa Teresa, Capitão José Paes Landim, também alagoano da citada Vila [...]” (MACÊDO, 1976, p.16). Em virtude disto, destacamos a importância desta estirpe na povoação e desenvolvimento da região do Cariri cearense.

Em 1731 foi fundado o Engenho de Santa Teresa no sítio de mesmo nome localizado na freguesia de São José dos Cariris Novos, descendem daí: os Macêdo, Furtado, Landim, Leite, Lobo, Luna, Paes, Pimenta e Saraiva, são, portanto, estas famílias que compuseram o que se tornou a prole dos Terésios¹⁷ do Cariri.

Os Terésios se configuram como uma linhagem composta em grande maioria por casamentos consanguíneos, ou seja, uma família constituída em suma pela prática da endogamia, o que permitia a manutenção não apenas do nome e sangue, mas também do poder e capital desta linhagem. Casamentos entre primos eram uma prática comum como podemos ver no exemplo dos pais de Marica Macêdo: “Joaquina de Sales Landim (Quininha). Aos 13/9/1859, na Santa Teresa, c. c. seu primo legítimo João Manoel da Cruz (Joca da Gameleira) [...]” (MACÊDO, 1976, p. 725). Tendo a própria Marica Macêdo sido adepta desta prática ao contrair núpcias com seu primo de segundo grau Antônio José de Macêdo que era primo legítimo de seus pais. Esta prática foi responsável por formar uma grande rede parental que se metamorfoseou em uma rede de poder. É nesse contexto, de casamentos e alianças, que os Terésios ocuparam e fixaram-se nas terras onde se projetou a região do Cariri e que posteriormente daria espaço a cidade de Missão Velha.

A descendência desta rede familiar foi vasta, logo para entendermos o sentimento de pertencimento familiar e a herança que Marica Macêdo carrega por meio da sua antecendência, ocupar-me-ei de modo mais aprofundado na análise de uma das famílias componentes desta estirpe: os Macêdo.

3.1.1.1 Família Macêdo – uma ramificação dos Terésios: tradição e poder no Cariri cearense

¹⁷Designação genérica dos integrantes das famílias citadas e que remete a Santa Teresa padroeira da localidade de mesma designação. Este epíteto foi alcunhado pelo historiador João Brígido dos Santos.

Reiterando o que foi exposto no tópico anterior, os Macêdo juntamente com as demais famílias correspondentes a estirpe dos Terésios foram as responsáveis pela povoação e desenvolvimento da região cearense denominada Cariri¹⁸. Em consequência disto, desde seus primeiros membros esta família carrega consigo a projeção de família tradicional cearense.

Dentro da perspectiva de lugar social, é pertinente observarmos que assim como os indivíduos, as famílias também têm sua imagem construída a partir do espaço em que se forma e desenvolvem. Indo mais além, ousa a dizer que, sobretudo as famílias consideradas tradicionais têm um vínculo ainda maior com o local de onde emergem isto por que é por intermédio da confluência dos contextos social, cultural, religioso, político e econômico (fatores bases para a constituição do lugar social) que se formulam as tradições familiares, logo o lugar social é fundamental para a construção desta condição de família tradicional, pois carrega valores simbólicos que se relacionam intimamente com as famílias que o habitam.

Desse modo, assim como foi de extrema importância para a formação dos Terésios enquanto rede familiar tradicional o seu enraizamento no Sítio Santa Teresa – de igual modo os seus antecessores, Capitão José Paes Landim e Geralda Rabelo Duarte, que se assentaram em uma região onde prosperaram como produtores de açúcar e agricultores configurando-se como grupo familiar, econômico e político naquela região – Marica Macêdo e seu primeiro marido ao chegarem no município de Aurora procuraram arraigar-se em uma localidade que os desse condições de prosperarem economicamente – aqui retomamos uma questão levantada no capítulo anterior acerca das motivações que trouxeram Marica Macêdo e Cazuzá para a cidade de Aurora mesmo sendo Missão Velha já naquela época uma cidade próspera, poder-se-ia, portanto, justificar esta migração em virtude desta procura por um lugar onde lhes fosse possível construir seu próprio habitat. Este território que se constituiu como o lugar modelador dos padrões e valores dos Macêdo em Aurora foi o sítio Tipi foi lá o espaço principal da constituição da família e do poder de Marica Macêdo em Aurora, isto é foi a partir desta localidade que se despontou o clã dos Macêdo neste município.

É a partir da tradição que uma família adquire o status de poderosa, portanto, para atingirem esta posição privilegiada socialmente é necessário que se construa uma

¹⁸Nome derivado dos índios Kariris, principal família indígena encontrada nos sertões nordestinos do Brasil. Assim como no Ceará, os índios Kariris também povoaram regiões dos estados da Bahia, Paraíba e Pernambuco.

tradição vinculada a algum contexto, seja social, cultural, religioso ou político, a sábia utilização de um destes fatores finda por além de tornar uma família tradicional, conhecida, mas também financeiramente abonada. Ao estudarmos sobre os Macêdo é notável a presença de diversos nomes desta família ligados à política, portanto, torna-se válido considerá-los uma família de tradição política no Ceará. Os Macêdo possuem um espaço de poder bem definido neste estado e, sobretudo na região do Cariri onde, como já mencionado, solidificou seu capital e poder. Dentro desta família há diversos representantes de cargos políticos importantes, como por exemplo, o atual deputado estadual David Ney G. de Macêdo, filho do ex-deputado federal Raimundo Macêdo. A nível municipal temos uma extensa lista de representantes no legislativo e na prefeitura do município de Aurora, cito o atual prefeito do citado município, João Antônio de Macêdo Júnior, antecedido neste cargo por seu primo José Adailton de Macêdo.

3.1.2 Marica Macêdo: o poder de um sobrenome

“[...] Maria da Soledade landim (Marica Macêdo ou Marica do Tipi), natural de Missão Velha, valente mulher sertaneja, célebre na história política de Aurora a partir da “Questão de 8” (1908), naquele município. Graças ao poderio de D. Marica, no primeiro quartel do vigente século, os Terésios residentes em Aurora viveram a sua fase de maior projeção política” (MACÊDO, 1976, p. 612).

A partir desta citação extraída da *Estirpe de santa Teresa* podemos perceber como Marica Macêdo é concebida dentro desta narrativa como importante herdeira dos Terésios e seu papel de disseminadora do poder deste nome.

É nítido que ser pertencente a uma família tradicional torna mais fácil a construção de uma identidade socialmente privilegiada, até mesmo aqueles que não saíram à cena pública, que não cometeram grandes atos ou que não detêm poder econômico e/ou político ao se titularem por tal sobrenome já recebem status social diferenciado. Logo, podemos considerar que os sobrenomes são construtores dos sujeitos históricos, o caso de Marica Macêdo nos mostra isso, tendo em vista que o contexto oitocentista não conferia as mulheres esse prestígio social, contudo a força do seu sobrenome a inseriu em um lugar de destaque, a projetou como um sujeito social. Maria da Soledade Landim, já pertencente a uma família tradicional que são os Landim, ao adotar o sobrenome do marido reforçou esse status social privilegiado fruto das famílias tradicionais e do poder de seus nomes.

Destarte, podemos inferir que este protagonismo exercido por Marica Macêdo, pautado em sua participação nos assuntos sociais, econômicos e políticos de Aurora, seria consequência das relações e heranças familiares da referida personagem. Coube a Marica Macêdo o papel de continuadora da tradição familiar, iniciada com os Terésios em 1731, e simultaneamente a responsabilidade de precursora desta mesma tradição familiar, porém agora em um novo território, o município de Aurora.

A representação de Marica Macêdo neste livro baseia-se, sobretudo na constituição do caráter tradicionalista conferido a sua família e que lhe é herdado. Descrita como pioneira no desenvolvimento do Cariri e como importante referência econômica e política no Ceará observa-se uma identidade coletiva pertencente a esta família refletir-se na figura individual de Marica Macêdo, ou seja, Marica Macêdo é representada como a tradição e poder dos Terésios, dos Macêdo.

3.2 *Império do Bacamarte: Marica Macêdo guardiã do poder político e luta armada em Aurora-CE*

Império do Bacamarte é uma obra de Joaryvar Macêdo, publicada em 1990, em Fortaleza pelo Programa Editorial da Universidade Federal do Ceará, coleção Alagadiço Novo. O livro utilizado para este estudo faz parte da 3ª edição desta obra.

Este livro dedica-se a contar as diversas lutas armadas que se sucederam no Cariri cearense a partir da Proclamação da República, a época do apogeu coronelístico – muitas vezes citado pelo autor como uma das práticas políticas de poder e mando de maior expressividade nesta região e que é responsável por torná-la uma das áreas considerada mais violenta do país naquela época – até a Revolução de 30 quando supostamente no governo de Getúlio Vargas teria sido extinta. Joaryvar Macêdo dedica-se neste exemplar a contar um pouco da riquíssima história dessa região, vemos aqui o detalhamento de diversos eventos que compõe as páginas da história do Cariri cearense e sobre as famílias que desde a sua colonização e povoação tem se destacado em suas respectivas cidades.

Os quatro capítulos iniciais fazem um apanhado geral do que é o coronelismo e de como este se consolidou no estado do Ceará, sobretudo na região sul, no Cariri. Os dezoitos capítulos seguintes são dedicados cada um a uma cidade do Cariri cearense, as lutas que lá ocorreram e os coronéis que se destacaram nestes eventos, podemos notar a

partir da narrativa do referido autor como estavam interligados os bastidores da política coronelística e do poder naquela época nesta região. Havia uma complexa e extensa rede de poder que unia seja por meio de alianças ou mesmo através de intrigas as cidades caririenses, de alguma maneira os municípios desta região estavam interligados em uma teia de arranjos e lutas políticas. Dentre todas as histórias apresentadas em *Império do Bacamarte* a nossa personagem – Marica Macêdo – tem um lugar social de prestígio bem definido pelo autor, e é citada não apenas no capítulo que é dedicado a cidade de Aurora, mas em diversos outros sempre sendo referenciada como a “coronel de saias”, “matriarca do Cariri”, é sempre lembrada como personalidade de grande significância para a história do Cariri, do Ceará.

Marica Macêdo, o “Fogo do Taveira” e a “Questão de 8” são os subsídios para o capítulo oito desta obra que é dedicado ao município de Aurora, ela como sendo importante coronela desta cidade e essas duas revoltas como fatos marcantes da história do município. Cabe destacar que o ano de 1908 foi um ano que marcou a história não somente auroreense, mas, de acordo com Joaryvar Macêdo de todo o Cariri “Muita efervescência trouxe o ano de 1908 para o sul do Ceará. Homens corajosos e líderes em disponibilidade lançaram seus tentáculos, no sentido de apoderar-se de chefias locais. Santana do Cariri, Campos Sales, Aurora e Araripe serviram de palco a conflitos mais funestos.” (1990, p. 89). Como citado no início deste tópico, Joaryvar Macêdo tinha um encantamento particular pela política coronelística e, sobretudo, por essa prática no sul cearense, no Cariri. Portanto, a partir desta citação vemos como o autor dessa obra em suas palavras exalta os homens que compunham o cenário político auroreenses e cita as revoltas aqui ocorridas com igual admiração.

Como já apresentado no capítulo anterior, ao tratarmos da atuação política de Marica Macêdo, foi a partir do “Fogo do Taveira” e da “Questão de 8” que a nossa personagem se projetou como respeitada mandatária, o que nos é reforçado por Joaryvar em suas palavras: “Investida de poderio e enroupada das características coronelísticas, firmou-se legítima mandona, profunda influência na política municipal, decidindo, lado a lado do coronel Cândido, *para quem sua palavra era lei.*”¹⁹ (MACÊDO, 1990, p. 104)

¹⁹Grifo meu para ressaltar que, aqui percebemos e retomamos uma discussão já levantada nesse trabalho de que Marica Macêdo utilizava-se dos homens que a cercava para estabelecer seu mandonismo, a última palavra era sua, contudo, usava de seus parentes e correligionários masculinos para diante à sociedade patriarcal legitimar-se.

Desse modo, obra dedicada a narrativas de lutas e poder, é evidente que a representação aqui construída acerca de Marica Macêdo passe por um estigma de valentia, de mulher destemida, que se atrevia a entrar em confrontos armados, que tinha sede pelo poder sendo capaz de perseguir seus opositores, de uma verdadeira coronela apoiada na alçada do bacamarte. “[...] destemida e valente sertaneja do Cariri.” (MACÊDO, 1990, p. 99) Diante o exposto, destacamos que Marica Macêdo é constantemente referenciada por Joaryvar Macêdo como figura pertencente ao rol das “Matriarcas do Cariri” e ao lado da ilustre Fideralina Augusto de Lavras da Mangabeira – CE tem destaque enquanto coronela e mandatária municipal no estado do Ceará. Ambas consideradas ora uma mãe caridosa que não media esforços para cuidar do seu povo, ora como verdadeiras mandonas que sob a alçada do bacamarte impunham ordem em suas cidades são personagens construídas e reconstruídas ao longo da história a partir de suas práticas sociais. Logo, é importante destacarmos que aqui vemos ser construída não apenas uma identidade em torno de quem é Marica Macêdo, mas também do que era ser uma coronela, uma matriarca do Cariri.

3.2.1 A “Questão de 8” e a construção de uma coronela: uma representação de poder sobre Marica Macêdo

Reiterando o que já assinalamos no capítulo anterior, o “Fogo do Taveira” se deu em virtude da demarcação de terras no sítio Coxá, realizada por Floro Bartolomeu em nome do oligarca juazeirense Padre Cícero, essa situação desagradou às famílias daquela localidade e findou por gerar uma revolta armada sendo daí surgida as primeiras faíscas para o que se tornaria uma grande luta armada no município de Aurora. Junto a isto, na propriedade Taveira localizada nas dependências do Coxá, havia ainda alguns desafetos do coronel Totonho Leite, logo foi ai onde os primeiros ataques do ambicioso coronel se efetivaram. A “Questão de 8” foi, portanto, um confronto armado que se sucedeu no ano de 1908 – como sugere o título – na cidade de Aurora e que partiu da confluência de motivações políticas e dos resquícios do ataque acima mencionado, o “Fogo do Taveira”, e que culminou após um longo rastro de sangue, na deposição do coronel Antônio Leite Texeira Neto, alcunhado de Totonho Leite ou Totonho do Monte Alegre, e conseqüentemente na ascensão política de Marica Macêdo e sua prole.

Dito isto, prosseguimos então com a análise da representação construída por Joaryvar Macêdo acerca de Marica Macêdo que está pautada em um campo de poder e luta e que é de onde parte a ideia de protagonismo político inerente à figura desta mulher quando a mencionamos.

Sendo importante para esta análise, primeiro destacar que se observa aqui a menção de membros dos Terésios (estirpe analisada no tópico anterior) como fiéis apoiadores de Marica Macêdo dentro desta revolta, o que nos deixa sabidos acerca da continuidade das redes de poder construídas por esta prole dentro da região do Cariri e de suas afinidades com as lutas armadas e políticas, afirmando, portanto, essa representação que se constrói em torno da nossa personagem, de uma tradição de luta e poder através da sua linhagem familiar. Macêdo (1990) detalha de maneira minuciosa a relação de Marica Macêdo com dois poderosos coronéis daquela época, mostrando-nos como as relações de mando que se sucediam no Cariri estavam interligadas, em grande maioria pelos laços de sangue e parentesco, e reforçamos ainda em virtude disto a intensa ligação entre a prole dos Terésios e a região caririense – questão abordada no tópico anterior deste capítulo quando nos dedicamos a analisar a *Estirpe de Santa Teresa*.

“[...] em direção a Missão velha, à busca do apoio dos coronéis Antônio Santana e Joca do Brejão, seus parentes. Bem chegado era o parentesco entre estas personagens. Além dos vínculos de sangue entre dona Marica e os dois poderosos mandões e suas consortes, seu finado marido Cazuzza Macêdo, era irmão do pai do coronel Joca e padraсто do coronel Santana, Raimundo Antônio de Macêdo, vulgo Mundoca Macêdo, e irmão, também da sogra do dito coronel Santana, Maria de Jesus Macêdo, igualmente tratada por Marica.” (p. 97-98).

Inicialmente apontados pelo autor como “vítimas na questão política de Aurora”, os Macêdo vão ao longo do capítulo sendo mencionados como heróis da cidade mediante a sua participação naquela revolta, tendo Marica Macêdo o papel de destaque por sua condição de mulher e mãe envolvida em uma luta armada. Em relação ao seu papel de mãe citamos o episódio em que seu filho mais novo é assassinado durante o ataque, Joaryvar Macêdo relata que:

“Varado de balados, tombou na hora, José Antônio de Macêdo – Cazuzza, de catorze anos de idade, herdeiro do nome e do apelido do pai, e caçula de dona Marica Macêdo [...] Remanescentes do cruento episódio referiam, com expressões de exaltação, a atitude dessa destemida e valente sertaneja do Cariri. Com efeito, superando o impacto do instante dramático da morte estúpida e rápida do jovem

Cazuza [...] dona Marica Macêdo, diante do corpo inerte, mas ainda quente do filho mais novo, pronunciou alto e bom som palavras que trouxeram mais alento aos contra-atacantes: “Encosta o cadáver aí no pé da parede, bala na agulha e vamos brigar”. (1990, p. 99).

Destarte, após isto Marica Macêdo, os Santos e os Paulinos, conseguem derrotar o exército de 50 homens enviados por coronel Totonho Leite e, finalmente Marica Macêdo e seus outros filhos velam e sepultam o corpo do jovem Cazuza, partindo em seguida para seu destino, Missão Velha, onde buscaram apoio contra o coronel Totonho Leite. (MACÊDO, 1990).

Este evento, quando mencionado por alguns habitantes de Aurora tacha Marica Macêdo como uma “mãe sem coração”, “velha desalmada”, contudo se bem analisarmos isto nos abre um viés que justifica a sua motivação ferrenha em perseguir e depor coronel Totonho Leite de suas funções torna-se, desse modo, um motivo clímax para que Marica Macêdo rebele-se contra o ex-correligionário e tome o poder do município para si e seu clã. Como bem podemos perceber em Macêdo ao relatar a chegada de Marica Macêdo na casa de seus parentes em Missão Velha “A chegada da sofrida matrona, com sua família, carregando todo o amargo drama, constitui mais um motivo, e de muito peso, para uma desforra tirânica.” (1990, p. 101). Vicente Macêdo também cita este fato e a dor carregada por Marica Macêdo “Minha mãe Maroca me contava que, até morrer sua sogra enchia os olhos de lágrimas ao falar do filho Cazuza, um menino, morto em pleno combate [...]” (1990, p. 33)

Como já mencionamos anteriormente, durante o período aqui estudado o estado do Ceará era governado pela Oligarquia Accioli, tendo como líder o comendador Nogueira Accioli, dito isto é importante mencionar que até então ambas as partes envolvidas na disputa política que motivara a “Questão de 8” (Marica Macêdo e Totonho Leite) eram correligionários do comendador. Inicialmente Nogueira Accioli enviou um contingente de homens para darem apoio a coronel Totonho Leite, entretanto para não desagradar as demais partes envolvidas, principalmente os Macêdo – que se alastravam por todo o Ceará e eram uma base forte para o governo – quando arquitetado o plano de invasão a Aurora pelos familiares de Marica Macêdo, o governador mandou que seus homens evacuassem a cidade, deste modo neutralizando-se diante a “Questão de 8”.

Considerada pelo citado autor como um dos casos mais bárbaro de deposição de chefes políticos no Cariri cearense, a “Questão de 8”, em virtude dito converteu-se em total apoio dos aurorenses para os Macêdo, seja por medo ou admiração aquela família.

A partir daqui Marica Macêdo projetou-se em todo o estado como uma verdadeira mandona. Joaryvar Macêdo comenta que: “Em sua época, foi ela, na região, junto a dona Fideralina Augusto Lima, a figura feminina de mais destaque, pelo destemor e pela bravura.” (MACÊDO, 1990, p. 104)

Diante os fatos até aqui narrados é perceptível à representação de valentia e destemor acerca de Marica Macêdo elaborada por Joaryvar Macêdo em *Império do Bacamarte*. Se em *A estirpe de santa Teresa* o autor representa Marica Macêdo como herdeira de uma tradição de poder familiar, aqui vemos a personificação da mesma através de uma narrativa de luta e poder consequente, o que, se unirmos as duas, constrói a imagem de Marica Macêdo a qual me propus a analisar inicialmente, de protagonismo feminino.

3.3 Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense – uma narrativa baseada no sentimento familiar

Este livro foi escrito por Vicente Landim de Macêdo – neto de Marica Macêdo – em 1998, contém apenas uma edição e foi publicado pela Petry Gráfica e Editora LTDA em Fortaleza.

Diferentemente dos outros dois livros acima apresentados esta obra é dedicada inteiramente a Marica Macêdo e sua descendência, *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense* nos mostra um lugar social construído a partir de uma representação heroica e saudosista desta personagem, aqui vemos mais a imagem de uma grande mãe caridosa do que desta mulher guerreira descrita no *Império do Bacamarte*, vemos o desenho de uma senhora acolhedora que protege os seus com unhas e dentes como podemos perceber já no início do livro onde Vicente Macêdo²⁰ diz:

“Força de vontade, coragem, decisão, firmeza, autoridade, fortaleza, autenticidade, lealdade, amor a terra e à família, tino político, senso administrativo eram características de sua personalidade que a tornara respeita e admirada, não somente por sua família, mas também por quantos a conheceram.” (1998, p. 01).

²⁰ Vicente Landim de Macêdo é neto de Marica Macêdo, atualmente é Procurador Federal aposentado e reside em Brasília – DF.

No livro Vicente Macêdo tem como papel heroicizar à personagem, confere uma áurea sagrada a sua avó o que finda a elegendo como uma espécie de mito político de Aurora. Notamos uma inevitável parcialidade do autor ao contar a história sobre sua avó, vemos a intenção de uma reprodução social de quem foi Marica Macêdo, contudo, dotada de um notável embelezamento das suas ações, mesmo as que não parecem ser tão boas – como quando ele conta sobre a perseguição ao coronel Totonho e a ávida vontade de vingança de Marica Macêdo, elegendo esta caçada como algo de bom grado para a construção da imagem de sua avó, entretanto para muitos este fato mostra uma face malvada de Marica Macêdo que a constrói como uma tirana.

Porém, apesar desse caráter lendário que finda rondando as narrativas familiares, é de suma importância à utilização desta representação para compormos este estudo acerca de Marica Macêdo. Esta obra funciona como um dos principais “lugares de memória” que há sobre Marica Macêdo, já que se dedica inteiramente a narrar sua vida, traz detalhes que as outras obras embora tentem, não conseguem narrar como vemos em *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense*, isto deve-se em grande medida ser uma narrativa que parte “de casa”, isto é, torna-se rica em detalhes por ser construída por sua própria descendência – o que nos leva a destacar o caráter carinhoso e saudosista encontrado em toda a leitura.

3.3.1 Uma análise acerca da obra *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense*

Na introdução deste livro, também chamada de *Por que este livro?* Vicente busca esclarecer ao leitor qual a motivação para a escrita desta biografia acerca de sua avó “Meu objetivo primordial foi narrar a história de vó Marica.” (MACÊDO, 1998, p.2). Ele cita ainda outra motivação para a escrita do livro que é justamente o registro da árvore genealógica da descendência de Marica Macêdo “[...] visando a possibilitar o melhor conhecimento e entrosamento deste ramo da família Macêdo.” (MACÊDO, 1998, p.03).

O segundo capítulo conforme seu título *Marica Macêdo e sua família* narra a vida da personagem e suas relações familiares, logo conta sobre seu nascimento,

filiação, casamento, a mudança para a cidade de Aurora, sua viuvez e o segundo matrimônio, até a sua morte em 1924²¹.

No capítulo três denominado *O Fogo Taveira Vicente* se ocupa a descrever a revolta que possui o mesmo nome dado ao capítulo– Fogo do Taveira –sendo este um dos intentos que culminaram na emblemática “Questão de 8”, sendo, como já bem vimos ao longo desta monografia, a partir daqui que Marica Macêdo ganha as características de coronela e inicia a construção da sua imagem como um mito político aurorense. Para bem entendermos as condições que puseram Marica Macêdo neste patamar Vicente explica não apenas a conjuntura aurorense, mas também a nacional e o advento do poder coronelístico e das Oligarquias²². Neste capítulo Vicente faz uma análise descritiva das motivações e do embate entre Marica Macêdo e coronel Totonho Leite, além de relatar outros confrontos que ocorriam em Aurora naquele ano. Conforme o autor “A prática atilada da política, a ascendência e autoridade sobre os correligionários da região, a objetividade, o bom senso e a decisão que caracterizavam vó Marica influíram na agilização da retirada dos invasores de Aurora e contribuíram para que a cidade usufrísse de estabilidade administrativa.” (1998, p. 27) Percebemos a partir desta citação que Marica Macêdo torna-se a figura “salvadora” para os aurorenses o que a enraíza na cultura da cidade como uma heroína. Vemos ainda, que Vicente não poupa os elogios a sua avó e sua atuação neste evento, sua narrativa é repleta de adjetivos que glorificam a figura de Marica.

O capítulo quatro, *Aurora e os Macêdos* dedica-se a descrever a relação entre a cidade de Aurora e a família Macêdo. Inicialmente Vicente conta as origens da cidade para em seguida inserir Marica Macêdo e sua prole como personagens de grande importância para o município, retoma a “*Questão de 8*” que como já percebemos é um fato atestador, reconhecedor da desenvoltura de Marica Macêdo. Neste capítulo podemos saber sobre os descendentes que se dedicaram a política, tendo representantes até na Assembléia Estadual do Ceará, ele reforça, em virtude disto, a ideia de intimidade que há entre a cidade e a sua família e nos mostrar a extensa lista de representantes políticos no legislativo e na administração da cidade desde a tomada do poder em 1908 por Marica Macêdo e seus aliados. Dos 27 prefeitos que já exerceram o cargo em Aurora, sete são representantes diretos da família, tendo ainda correligionários que

²¹ Não vamos nos demorar neste tópico tendo em vista já termos feito esta narração no capítulo anterior quando fizemos o levantamento de *Dados biográficos de uma mulher Aurorense*.

²² Outro ponto também já debatido no capítulo anterior.

comandaram a cidade conforme a política herdada de Marica Macêdo, contudo se bem analisarmos, levando em consideração que a política neste município é baseada em oposição e situação macedônica, poucas vezes outra família chegou ao poder.

Os próximos oito capítulos são dedicados a genealogia da família, cada um deles é nomeado com o nome de um filho de Marica – capítulo cinco: Mundoca e descendentes; capítulo seis: Joantina e descendentes; capítulo sete: João e descendentes; capítulo oito Antônio e descendentes; capítulo nove Cazuzza; capítulo dez Silvino e descendentes; capítulo onze Felinto e descendentes; capítulo doze Augusto e descendentes – constam todos os sucessores desta prole até o ano de 1998 (ano de escrita do livro). Grande maioria dos descendentes se encontra espalhados no estado do Ceará, contudo há descendentes de Marica Macêdo por todo o Brasil e alguns no exterior como nos Estados Unidos e na Costa do Marfim. O capítulo 10 dedica-se aos pais de Vicente, ele analisa a vida dos seus genitores e de cada um de seus irmãos, é um enredo bastante nostálgico para o autor.

No *Posfácio* Vicente não poupa os elogios a sua avó e sua rede familiar, como podemos perceber nas linhas que compõem este posfácio:

A imensa admiração pela capacidade de minha avó **Maria da Soledade Landim – Marica Macêdo ou Marica do Tipi**²³, valorosa mulher cearense, foi a motivação desta obra.

Relacionando-lhe os descendentes, quero evidenciar o longo alcance da benfazeja atuação de vó Marica: a par de seus dotes incomuns para uma mulher do seu tempo, ela soube prolongar sua história de triunfos nas gerações que a seguiram.

Esta é uma homenagem singela, mas imprescindível, que pretende ser, também, a seu modo, o resgate de uma dívida de gratidão.

Para a benemérita memória de vó Marica, faço ecoar os aplausos dos pósteros de sua privilegiada genealogia. (MACÊDO, 1998, p. 199)

Como bem vemos a partir do posfácio, Vicente Macêdo afirma a nossa concepção sobre esta ser uma narrativa carinhosa e como bem afirmou o supradito autor trata-se de “[...] o resgate de uma dívida de gratidão. Para a benemérita memória de vó Marica [...]” (1998, p. 199).

Sucedede-se ainda a relação alfabética dos descendentes de Marica Macêdo e seu primeiro marido – José Antônio de Macêdo, Cazuzinha. De acordo com Vicente até o ano de 1998 foram computados 1040 descendentes deste casal, contabilizando cinco gerações de Macêdos. Hoje mais de uma década após a escrita deste livro é nítido que a

²³ Grifo do próprio autor

família tenha crescido, e cada vez mais vemos a força política que este clã tem neste município.

3.3.2 Marica Macêdo: uma representação carinhosa porque construída em família

No todo, *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense* reproduz um discurso carinhoso e saudosista sobre Marica Macêdo, reflete um discurso interessado o que soa bastante normal considerando que parte de seu neto. Podemos constatar que tal discurso não tem a intenção de questionar ou problematizar a figura de Marica Macêdo e suas ações, tem como objetivo apenas narrar de maneira nostálgica a vida de uma avó querida, de uma senhora que na mentalidade de sua família representa uma figura tutelar a quem todos recorriam quando se viam em apuros. Logo, é nesta obra que vemos ser construída a representação de “mãe caridosa” a qual nos questionamos inicialmente se seria o que de fato Marica Macêdo representou para a sociedade Aurorense.

Fatos como ter sido responsável pela educação dos filhos de seus empregados, tendo acolhido em sua própria casa e mantido os professores para que isto se realizasse, são sempre mencionados pelo autor para nos transmitir essa representação de boa senhora que o mesmo desenha sobre a avó. Logo, constantes citações que exaltam a figura de Marica Macêdo são encontradas no decorrer desta obra, sempre reforçando essa ideia mitológica que se criou ao redor de sua imagem, vejamos aqui uma delas “É impressionante que vó marica até a morte manteve sua personalidade firme corajosa e destemida.”. (MACÊDO, 1998, p. 14).

Notamos nitidamente, nas três obras analisadas nesse capítulo, a referência do ser mulher, do ser mãe que Marica Macêdo era sem anular o ser coronela, representante política que compunha mais uma de suas faces o que nos depara mais uma vez com a questão inicial deste capítulo, era Marica Macêdo uma coronela, uma mulher de política ou uma mãe caridosa em meio a uma cultura de tratos costumeiramente violentos, autoritários e arrogantes? Diante o exposto fica difícil afirmarmos uma ou outra caricatura acerca de Marica Macêdo, chegamos aqui, portanto, apenas com a certeza de que em volta desta mulher várias faces se constroem tendo em comum somente a valentia e destemor que são ponto fixo em todas as obras analisadas. Assim, espero, através da discussão realizada nesse capítulo, ter norteado os leitores a uma reflexão

acerca desta indagação, e que cada um elabore a sua representação acerca de Marica Macêdo sem comprometer-me, no entanto, com uma posição para que não caia no erro tão temido pelos historiadores de apego a uma versão da história.

Entre ser uma mãe caridosa ou uma coronela de fato, o que sabemos é que Marica Macêdo através de sua atuação no município de Aurora mostrou-se como um exemplo de mulher que, de modo inconsciente ou não, foi responsável por compor uma página importante da história de Aurora, do Ceará, do Brasil, da historiografia, da História das Mulheres.

Assim, as obras *Estirpe de Santa Teresa, Império do bacamarte e Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense* são importantes lugares de memória tendo em vista que através das mesmas se perpetuam as representações acerca de Marica Macêdo. Vemos em cada um dos livros se desenvolver uma simbologia das lembranças que ali são narradas e que criam um vínculo entre nós leitores e a história narrada, sendo, também, o que pretendemos a partir deste estudo, criar uma leitura que traga para o leitor o desejo em se aprofundar pelo assunto. De acordo com Pierre Nora²⁴ (1998) “lugares de memória” seriam o resultado do encontro entre o espaço físico, isto é, entre os materiais que funcionam como fontes, que contam as histórias, e as memórias que emergem destes. Resumindo “lugar de memória” nada mais é que o diálogo resultante do material com o imaterial. Desse modo, seguindo a conceituação de Pierre Nora (1998) e adicionando a maneira de discutir este conceito resultante nesse trabalho, “lugar de memória” aqui se apresenta como o que construímos a partir dos lugares sociais e das representações expostas em nossas fontes. Podemos mencionar como espaço físico constituinte de memórias acerca de Marica Macêdo o Distrito de Tipi que mencionado constantemente no livro *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense* reafirma a projeção de protagonista remetida a Marica Macêdo já que foi a partir daquele espaço que a nossa personagem exerceu suas primeiras funções enquanto mandona, coronela.

3.4 Marica Macêdo para além do que se vê: o ser mulher, a protagonista feminina aurorense

²⁴ NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, J. & NORA, P. (org). **História novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998, p. 179-193

Marica Macêdo ocupa um lugar e desempenha um papel de “mulher-chefe”, “mulher política”, “coronela” no imaginário aurorense, podemos perceber isto nas narrativas encontradas nas obras até aqui estudadas, em seu tempo foi mandona nas esferas política, econômica e social, – inconscientemente ou não esta é mais uma questão que fica em aberto e sucinta possíveis futuros estudos envolvendo Marica Macêdo – contudo o que passa despercebido nos livros analisados são discussões envolvendo Marica Macêdo enquanto o ser mulher que buscamos mostrar ao longo dessa monografia.

Os estudos sobre a História das Mulheres, como já discutido no capítulo um desse trabalho, tem se tornado cada vez mais comuns em contraposição aos anos anteriores a inovadora Escola dos Annales. Tem-se percebido, a partir do século XX, as mulheres como sujeitos não apenas sociais, com influência na dinâmica social, mas, também, como seres históricos. Retomando a questão sobre a falta de posicionamentos acerca da figura feminina nas fontes analisadas, é perdoável que essa discussão não esteja presente já que temos que levar em consideração o momento histórico em que estes documentos são escritos, datados de 1976 – *A Estirpe de Santa Teresa* – 1990 – *Império do Bacamarte* – e 1998 – *Marica Macêdo a brava sertaneja aurorense* – são obras escritas nos anos iniciais da inovação historiográficas e temos que levar em consideração ainda que seu propósito seja de narrar fatos e não de discutir posicionamentos ou assuntos afins.

Tudo que acabamos de narrar, isto é, que Maria Macêdo foi constituída como importante protagonista política em Aurora é válido e dificilmente será desacreditado, mas, antes de tudo é interessante lembramos que Marica Macêdo era também mãe, esposa, amiga e que assim como toda a classe feminina sofreu limitações, foi desconsiderada em suas atitudes, assim o fato de ter participado da vida política, de ter exercido funções de mando e luta armada, juntamente as designações carregadas pelas mulheres é que, a meu ver, elegem Marica Macêdo enquanto este sujeito social, o ser mulher e protagonista feminina.

Desse modo, a partir da fala de Lauwe²⁵ (1967) externo minha aspiração acerca deste trabalho: “Não é a mulher na sociedade e a evolução de sua situação que estudamos, mas, a imagem que dela fazem os homens e mulheres [...] Tentamos compreender como eles percebem e se representa a mulher no conjunto das estruturas

²⁵ LAUWE, Paul-henry Chombart de. **Imagens da mulher na sociedade**. São Paulo: Ed.: Senzala, 1967.

sociais e como eles a vêem mudar.” (p. 10), ou seja, buscamos representar Marica Macêdo como o ser mulher que vai além das caricaturas encontradas nos livros *A Estirpe de Santa Teresa, Império do Bacamarte e Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense*, a apresentamos aqui como objeto simbólico e histórico da História das Mulheres. As palavras mesmo já escritas só ganham significados quando formulamos representações, logo, deixo aqui a oportunidade de cada leitor criar e recriar Marica Macêdo, entretanto, sempre lembrando o seu status de mulher.

Buscamos nesses três capítulos que compõem esta monografia intitulada *Marica Macêdo: o protagonismo feminino no município de Aurora-CE* realizar um estudo balizado a partir da História das Mulheres onde tivemos como modelo representativo desta história a figura de Maria da Soledade Landim, Marica Macêdo. Ao passo que a apresentamos Marica Macêdo como protagonista política do município de Aurora, reforçamos o intuito deste trabalho em contribuir para a inserção das mulheres na história enquanto sujeitos sociais e políticos atuantes.

Destarte, ao pensarmos em linhas gerais, este trabalho além de contribuir para a construção das imagens que circundam Marica Macêdo destacam também o ser mulher enquanto sujeito social e político que anunciamos no início desta monografia. Mostramos o protagonismo político desta personagem e os desdobramentos que se engendram a partir desta face política que se constrói acerca de Marica Macêdo.

Dedicado a nós mulheres, nesse parágrafo, demonstro minha felicidade em ter podido elaborar um estudo de História das Mulheres, espero que uma vez finalizado esta análise seja útil a comunidade em geral, tendo como público principal as mulheres nordestinas, que a partir de Marica Macêdo vejam um exemplo de protagonismo e assim o sejam de suas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos nesse estudo apresentar Maria da Soledade Landim, Marica Macêdo, como protagonista feminina política e social do município de Aurora fazendo isto a partir das representações encontradas na documentação utilizada, logo, construindo a partir dos lugares de memória que ai encontramos mais uma representação de Marica Macêdo que objetivou contribuir para a escrita da História das Mulheres e dar visibilidade a esses sujeitos enquanto agentes políticos e sociais.

Para isto utilizamos como fontes livros de escritores aurorenses, familiares de Marica Macêdo que em suas obras buscam propagar a genealogia e história desta família que é tão íntima do município aurorense. Os livros *A Estirpe de Santa Teresa* (MACÊDO, 1976), *Império do Bacamarte* (MACÊDO, 1998) e *Maria Macêdo: a brava sertaneja aurorense* (MACÊDO, 1998) foram os responsáveis pela interpretação e compreensão das representações que apresentamos de Marica Macêdo nesta monografia.

Buscamos, ao longo dos três capítulos que compõem essa monografia, cruzar as informações encontradas nas fontes com o referencial teórico utilizado para subsidiar o presente trabalho. Dessa maneira o primeiro capítulo dedicou-se de maneira exclusiva as discussões teóricas, onde se problematizou as inovações na historiografia após o advento da Escola dos Annales, discutimos as possibilidades assomadas à escrita histórica a partir da perspectiva de análise que surge junto a essa nova corrente historiográfica, discutindo conceitos como História das Mulheres, Nova História Cultural, Nova História Política, Coronelismo, poder, que se fizeram essenciais para a escrita deste trabalho.

No segundo capítulo iniciamos a análise da documentação, buscamos apresentar Marica Macêdo antes como a dona de casa, a mulher do lar, após isto apresentamos como se encontrava a conjuntura política da época para então retratar as ações políticas exercidas por ela, introduzindo aqui a análise da “Questão de 8” que se apresenta como a principal fomentadora do protagonismo exercido pela mesma.

No terceiro capítulo, a partir de um diálogo mais íntimo com a documentação principal – os livros *A Estirpe de Santa Teresa*, *Império do Bacamarte* e *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense* – fizemos uma análise dos lugares sociais em que Marica Macêdo é narrada, tendo em vista a escrita historiográfica ser uma prática balizada pelo lugar social foi de extrema importância a utilização desse conceito

abordado por Michel de Certeau (2008), analisando ainda nesse capítulo como a partir de cada um desses lugares Marica Macêdo se constituiu como essa protagonista feminina no município de Aurora-CE, para isto utilizamos, também, o conceito de representações de Roger Chartier (1991).

As formas de representar Marica Macêdo que se construíram ao longo deste estudo contribuíram para a construção do ser mulher a qual nos propomos a analisar aqui, o ser mulher enquanto sujeito político, enquanto exemplo representativo na sociedade. Marica Macêdo por ser mulher sofreu limitações no jogo político, sendo estas bastante percebidas ao longo do texto ao nos depararmos com algumas lacunas acerca da sua atuação, o produto final deste trabalho deixa em aberto algumas questões neste tocante, contudo, é fato que a partir dos discursos e práticas aqui apresentados podemos compreender como e a partir de onde Marica Macêdo se impôs como esse sujeito social e político, como este modelo de representatividade na sociedade Auroreense.

Partindo de sua atuação ainda no seu espaço familiar, passando pelos mandos na comunidade do Tipi, até chegar a sua atuação na luta armada da “Questão de 8” que culminou no seu reconhecimento enquanto “coronela” para todo o município auroreense, Marica Macêdo foi sendo criada e recriada na memória dos auroreenses como uma espécie de mito político, mesmo não tendo participação direta neste campo por não ocupar cargos no legislativo, Marica Macêdo a partir dessas ações se configurou como a representação do poder e do mando para o município de Aurora. Desse modo, imaginar Marica Macêdo como figura representativa em Aurora é uma tarefa corriqueira, e, que gera variadas representações acerca desta personagem.

Diante o exposto, reafirmo aqui o que já mencionamos na introdução, que esse trabalho buscou trazer discussões em torno dos lugares de memória em que a história de Marica Macêdo se fez e se faz presente. Tentamos, portanto, através desses lugares de memória responder a nossa problemática inicial: seria Marica Macêdo uma coronela, uma mulher de política ou apenas uma mãe caridosa em meio a uma cultura de tratos costumeiramente violentos, autoritários e arrogantes? Em face ao exposto, vemos que Marica Macêdo para a sociedade auroreense jamais assumiu apenas uma dessas faces, foi ela para alguns uma coronela (tendo em vista a sua atuação na “Questão de 8” e seu poder de mando percebidos no *Império do Bacamarte*) para outras uma mulher sábia logo uma mulher política de sangue e nome (levando em consideração o seu legado familiar conforme é apresentada em *A Estirpe de Santa Teresa*), assim como foi uma

mãe caridosa que cuidou da sua prole e correligionários com “unhas e dentes” (encontramos essa imagem de Marica quando analisamos a obra *Marica Macêdo: a brava sertaneja aurorense*).

Neste caso, a imagem do coronel e o conceito de coronelismo apesar de se configurarem como produtos de uma multiplicidade discursiva, instituem e perpetuam, culturalmente, uma forma de ver e dizer as relações de poder, ao tempo em que produzem subjetividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, José D.'Assunção. História Política – Dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso e do imaginário. **Escritas**: Revista do Curso de História de Araguaína, v. 1, 2008.

BARROS, José D'assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, Canoas/rs, v. 3, n. 5, p.35-67, 2009. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

BARROS, José D'assunção. A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos histórico. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 1216, p.38-63, 2011.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALIXTO, João Tavares Jr. CENTENÁRIO DE FALECIMENTO DO CORONEL TOTOHO DO MONTE ALEGRE. **Cariri Cangaço**. 2013. Disponível em: <https://cariricangaco.blogspot.com/search?q=totonho+leite> Acesso em: 03/02/2019

CLEMENTE, Rafael Willian. História Política e a “Nova História”: um breve acerto de contas. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda – RJ; Ed. nº 16, ano VI, p. 45-50, 2011 Disponível em: <http://www.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/45/11.pdf> Acesso em: 18/04/2019

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. – 2ed. – Rio de Janeiro: Fontes Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. 2º. Ed. São Paulo: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, mai. 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601> Acesso em: 25/09/2019

FORTUNATO, Maria Lucinete. **O conceito de coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo a simulacro do poder local**.- Campina Grande: EDUFPG, 2008

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 55, n. 25, p.367-376, set. 2005.

GUEDES, Paulo Henrique Marques de Queiroz. A nova história do poder político e a cultura política. In: CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino; GUEDES, Paulo Henrique Marques de Queiroz (Org.); SANTOS NETO, Martinho Guedes dos (Org.). **Cultura e poder Político**: historiografia, imaginário social e representações da política na Paraíba republicana. João Pessoa: Editora Universitária - Ufpb, 2012. p. 25-47.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; QUEIROZ, Rachel de. Matriarcas do Ceará: Dona Federalina de Lavras. **Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais**, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Papéis Avulsos, n. 24, 1990.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. - São Paulo: Editora Schwarcz S.A. 2012

LIMA, Henrique Pereira. História política: trajetória e significados. **Revista Semina**, Londrina – PR; v. 11 nº 01, p. 01-13, 2012 Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:MmE3RtNB94AJ:seer.upf.br/index.php/ph/article/view/4373/2864+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 21/04/2019

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau. (Orgs.) **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

OLIVEIRA, L. S.: FAZENDO GÊNERO 8 - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 2008, Florianópolis. **Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência**. Florianópolis: Ftbaw, 2008. 5 p. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf>. Acesso em: 31 de agosto de 2017

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história?** – Tradução: Viviane Ribeiro. – Bauru, SP: EDUSC, 2005

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e presidiários**. -- Tradução: Denise Bottman. 2º. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. **In: História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano** [S.l: s.n.], 1997.

RÉMOND, René. Uma História Presente. In: RÉMOND, René (org) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro : Ed. FGV, 2003, p. 13-36

SANTOS, Ramaiane Costa; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. O Antes, O Depois e as Principais Conquistas Femininas. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 1, n. 5, p.1-10, nov./dez. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35598>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez de. Noutros sertões: mulheres na literatura, mulheres na história. **Graphos**, João Pessoa, v. 8, n. 1, p.195-200. JAN/JUL/2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/9326/5007>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

SILVA, Lianzi dos Santos. Mulheres em cena: as novas roupagens do primeiro damismo na assistência social. Rio de Janeiro, 2009. 155p. **Dissertação de Mestrado-**

Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15501/15501_1.PDF Acesso em: 29 jan. 2018

SOUSA, Silvana Vieira de. Tradição e fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX. 2011. 266p. **Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em História**, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2011.

FONTES:

MACÊDO, Joaryvar. **A Estirpe da Santa Teresa**. – Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1976. Ed. Fac-similar.

MACÊDO, Joaryvar. **O Império do Bacamarte**: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense. – Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1990.

MACÊDO, Vicente Landim de. **Marica Macêdo**: A brava sertaneja de Aurora. Fortaleza: Petry Gráfica e Editora Ltda., 1998.

MACÊDO, Vicente Landim. VÓ MARICA DO TIPI. **Conferência do Cariri Cangaço**. Aurora, 2013. Disponível em: <https://cariricangaco.blogspot.com/search?q=marica+mac%C3%AAdo> Acesso em: 03/02/2019